

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas (FACE)
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (CCA)
Bacharelado em Ciências Contábeis

Marília Cerqueira Soares Martins Souto

**INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO COMPORTAMENTO FINANCEIRO:
UM ESTUDO COM OS DISCENTES E EGRESSOS DOS CURSOS DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS, CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA**

Brasília, DF
2018

MARÍLIA CERQUEIRA SOARES MARTINS SOUTO

INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO COMPORTAMENTO FINANCEIRO: UM ESTUDO COM OS DISCENTES E EGRESSOS DOS CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS, CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília como requisito à conclusão da disciplina Pesquisa em Ciências Contábeis e obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientadora:
Prof^a Ducineli Régis Botelho

Linha de pesquisa:
Impactos da Contabilidade na Sociedade

Área:
Finanças Comportamentais

Brasília, DF
2018

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à minha família, que me deu o suporte necessário ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Em especial, aos meus pais, Elizabete e Elvécio, por estarem sempre ao meu lado, me fornecendo todas as condições para que minha graduação fosse possível. Agradeço pela compreensão e carinho, e por estarem sempre me motivando no alcance dos meus objetivos e compreendendo minhas limitações. Às minhas irmãs Mariana e Julia, por serem exemplos a seguir, por me auxiliarem em minhas dificuldades e me compreenderem e apoiarem sempre. À minha sobrinha Manuela, luz da minha vida, que traz paz nos momentos de dificuldade. À Valéria, minha prima, irmã e companheira de vida.

Aos amigos que fiz ao longo dessa trajetória de graduação, que passaram por toda essa etapa junto comigo, desfrutando dos momentos bons e ruins. Agradeço pela amizade e companheirismo, que foram essenciais durante o período na Universidade.

Agradeço aos meus amigos que são sempre compreensivos e companheiros, me apoiando e me incentivando sempre a buscar o melhor pra mim. Um agradecimento especial ao meu querido amigo Bernardo, por todo o apoio e companheirismo.

À minha orientadora, professora Dr.^a Ducineli Régis Botelho, pela oportunidade de realizar essa pesquisa, por entender minhas limitações, pela paciência, pelo tempo e pelo apoio durante esse processo.

A todos vocês, meu muito obrigada. Sem vocês, a minha trajetória até aqui não teria sido especial.

Resumo

A alta oferta de crédito na economia brasileira nos últimos anos impulsionou o consumo dos cidadãos, possibilitando o acesso a bens de consumo, imóveis e automóveis. Entretanto, juntamente com o aumento do consumo, veio o aumento do endividamento dos consumidores brasileiros. Esse estudo teve como objetivo analisar a relação entre o conhecimento e o comportamento financeiro de discentes e egressos das áreas de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da Universidade de Brasília (UnB). Pretende-se com essa análise, avaliar se existe uma influência positiva da educação financeira no comportamento financeiro da amostra analisada. Para atingir o objetivo de pesquisa foi aplicado um questionário adaptado do modelo validado de Flores (2012), o qual foi encaminhado via correio eletrônico, para os elementos da amostra e também publicado em redes sociais. Foram coletadas 177 respostas no total. Com os dados obtidos na pesquisa foi possível concluir que os indivíduos que apresentaram alto nível de conhecimento financeiro, apresentaram também menor tendência a um comportamento de risco e uma menor propensão ao endividamento. Esses dados levam à conclusão de que há uma influência positiva da educação financeira no comportamento financeiro das pessoas componentes da amostra analisada.

Palavras-chave: Educação Financeira. Comportamento de risco. Endividamento. Comportamento financeiro.

Abstract

The high credit supply in Brazil's economy during the last two decades boosted the consumption of Brazilian citizens, allowing access to consumer goods, properties and automobiles. However, along with the increase in consumption, came the increase in indebtedness of Brazilian's consumers. This study aimed to analyze the relationship between financial knowledge and behaviour of students and graduates from the areas of Accounting Sciences, Economics and Business of the University of Brasília (UnB). The purpose of this analysis is to evaluate if there is a positive influence of the financial education on the financial behaviour of the sample. To reach the research's objective, a questionnaire adapted from the validated Flores's model (2012) was applied, the questionnaire was sent via electronic mail to the sample elements and was also published in social networks. A total of 177 responses were collected. With the obtained data it was possible to conclude that the individuals who presented high level of financial knowledge, also presented a lower tendency to risk behaviour and a lower propensity to indebtedness. This leads to the conclusion that there is a positive influence of financial education on the financial behaviour of the sample analyzed.

Key words: Financial Education. Risk behaviour. Indebtedness. Financial behaviour.

SUMÁRIO

RESUMO	4
1.INTRODUÇÃO	9
1.1 Contextualização.....	9
1.2 Problema de pesquisa.....	11
1.3 Objetivos.....	12
1.3.1 Objetivo geral.....	12
1.3.2 Objetivo específico.....	13
1.4 Delineamento de pesquisa.....	13
1.5 Justificativa.....	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 Finanças comportamentais.....	18
2.2 Educação financeira.....	19
2.2.1 Endividamento.....	22
2.2.2 Comportamento de risco.....	23
2.2.3 Uso de crédito.....	24
2.2.4 Gestão financeira e consumo planejado.....	25
2.2.5 Poupança e investimentos.....	26
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	28
3.1 Perfil da amostra.....	28
3.2 Instrumento de coleta de dados.....	28
4. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO	32
4.1 Perfil da amostra.....	32
4.2 Uso de cartão de crédito e perfil de gasto.....	33
4.3 Educação Financeira.....	34
4.4 Comportamento de risco.....	36
4.5 Endividamento.....	37
4.6 Relações entre as variáveis.....	37
5. CONCLUSÃO	45
RERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	51
APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados	52
APÊNDICE C – Tabelas ANOVA (Análise de Variância)	55

ABSTRACT	5
SUMÁRIO	6
LISTA DE TABELAS	8

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variação do nível de endividamento e inadimplência das famílias brasileiras.

Tabela 2 – Composição da dívida as famílias entrevistadas

Tabela 3 – Perfil da amostra

Tabela 4 – Uso de cartão de crédito e perfil de gasto

Tabela 5 – Educação Financeira

Tabela 6 – Comportamento de risco

Tabela 7 – Endividamento

Tabela 8 – Nível de educação financeira X Comportamento de risco

Tabela 9 – Nível de educação financeira X Endividamento

Tabela 10 – Nível de escolaridade X educação financeira

Tabela 11 – Avaliação de diferença estatisticamente significativa

INTRODUÇÃO

O comportamento financeiro dos cidadãos brasileiros é uma questão que merece análises e estudos. A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada pela Confederação Nacional de Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) em 2017, os indicadores Serasa Experian de Inadimplência analisados em 2017 e o Censo 2010, estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a cada dez anos, são alguns dos estudos e pesquisas que demonstraram como o endividamento da população brasileira cresceu nos últimos anos e o nível considerável de pessoas consideradas inadimplentes.

1.1 Contextualização

Durante o período de 2002 a 2010, o Brasil experimentou um aumento expressivo na oferta de crédito em geral na economia. A modalidade de crédito à pessoa física cresceu de 9% do PIB, em dezembro de 2002, para 21% em dezembro de 2010. Neste período, observou-se um aumento do uso do crédito pessoal e do crédito para compra de veículos e imóveis. (IPEA, 2015)

O acesso ao crédito contribui positivamente para a vida da população, pois proporciona a compra de imóveis, veículos e bens de consumo, por exemplo. Para as empresas, permite que essas realizem investimentos sem necessidade de utilização de recursos próprios, facilitando a comercialização de produtos e serviços. Já para os governos, possibilita a realização de projetos que não poderiam ser financiados apenas com recursos do orçamento anual. No entanto, da mesma forma que a oferta de crédito ao consumidor aumentou nos últimos anos, cresceram também os níveis de inadimplência e endividamento. (SILVA, 2011)

O maior acesso ao crédito proporcionou um aumento no endividamento das famílias brasileiras. Apesar do consumo final das famílias brasileiras ter aumentado na primeira década do século XXI, atingindo R\$ 1.266 bilhões no ano de 2005, estimulado justamente pela alta oferta de crédito, as despesas com juros dessas famílias também aumentaram, chegando a R\$ 4,9 bilhões no mesmo ano. (IBGE, 2007)

A PEIC, que é realizada mensalmente pela CNC, mostrou que em 2017 a média anual de famílias brasileiras endividadas foi de 60,8%. Além disso, os indicadores de inadimplência

observados na pesquisa também apresentaram alta, a média anual do percentual de famílias com dívidas atrasadas foi de 25,4% em 2017, aumentando 1,2% em relação ao que foi apurado no ano de 2016. (CNC, 2017)

Os Indicadores Serasa Experian de Inadimplência, desenvolvidos por empresa homônima, prestadora de serviços de informações para apoio na tomada de decisões de empresas, mostram que o número de consumidores inadimplentes no Brasil chegou a 61,1 milhões em maio de 2017. Em agosto do mesmo ano esse número recuou para 60,4 milhões. No entanto, mesmo com essa variação positiva, o resultado ainda se mostra elevado. (SERASA EXPERIAN, 2017)

Um outro estudo, o qual utilizou uma base de 5 milhões de consumidores que aderiram ao Cadastro Positivo da Serasa, cadastro no qual as movimentações financeiras dos consumidores são registradas a fim de registrar a capacidade de pagamento destes, mostrou que 27% da população de baixa renda (rendas de até R\$ 2 mil mensais) compromete mais da metade dos seus rendimentos com dívidas no cartão de crédito, empréstimo consignado, empréstimo pessoal, financiamentos, cheque especial e consórcio. Já para os brasileiros com faixa de rendas mais elevadas, esse percentual cai para 13%. (SERASA EXPERIAN, 2017)

A recessão econômica vivenciada pelo país nos últimos anos e o desemprego estão entre as principais causas da desorganização financeira de consumidores e empresas no Brasil, o indivíduo que fica desempregado entra na lista de inadimplentes em pouco tempo por falta de recursos para arcar com seus compromissos assumidos anteriormente. (SERASA EXPERIAN, 2017)

A partir de dados como esses, é possível inferir que uma grande camada da população brasileira se encontra com dificuldades na administração do seu dinheiro, situação que é problemática para a vida pessoal do indivíduo, mas que também causa efeitos negativos em níveis sociais, econômicos e políticos.

Instituições como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) preocupam-se em conceituar educação financeira e analisar seu impacto no comportamento financeiro dos indivíduos. Pode-se considerar um comportamento financeiro problemático, aquele no qual “o consumidor financeiro não tem tendência a poupar para a aposentadoria, e utiliza elevados níveis de crédito”. (OCDE, 2013)

Entende-se educação financeira como o processo através do qual o consumidor financeiro melhora o seu conhecimento sobre produtos financeiros, conceitos e riscos e, através de informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolve habilidades e confiança para se tornar mais consciente dos riscos e das oportunidades, fazer escolhas devido às informações

que possui e para tomar outras atitudes efetivas que melhorarão seu bem-estar financeiro. (OCDE, 2013)

De acordo com Mosca (2009), o comportamento financeiro dos indivíduos tem a ver com o processo de tomada de decisões. O processo decisório do ser humano, e consequentemente, a forma como ele se comporta financeiramente é influenciado por diversas variáveis, como o nível de educação financeira, o perfil do investidor, a propensão do indivíduo a poupar seus recursos, sua propensão a endividar-se, sua religiosidade, e com variáveis demográficas e socioeconômicas (faixa etária, sexo, escolaridade, estado civil e número de filhos/dependentes, por exemplo). (SILVA *et al.*, 2017)

Entende-se endividamento como o ato de assumir ou contrair dívidas. O tema se mostra de grande importância por abranger diversas áreas de conhecimento, podendo ser causado por vários aspectos, como a renda, fatores econômicos, uso inadequado do crédito, fatores psicológicos, comportamentais, entre outros. (VIEIRA, FLORES e CAMPARA, 2014)

O ato de poupar é o processo no qual um indivíduo passa a guardar ou reter parte de sua renda presente, com o intuito de manter reservas para emergências, projetos futuros ou aposentadoria. O ato de investir é entendido como o processo de direcionar os recursos poupados para aplicações que remunerem esse capital através de rendimentos de juros ou outras formas de correção. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013)

1.2 Problema de Pesquisa

Gathergood (2012), que realizou um estudo no Reino Unido sobre comportamento financeiro, mostrou que endividamentos excessivos são mais comuns em pessoas mais jovens, solteiros, com filhos e com nível de escolaridade menor. Os estudantes universitários têm um risco especialmente alto de se envolverem em problemas financeiros mais sérios, isso se dá devido à fácil disponibilidade de cartões de crédito, por exemplo. Além disso, Worthy, Jonkman e Blinn-Pike (2010) afirmam que jovens entre 18 e 25 anos são mais predispostos a assumir riscos maiores e apresentam menor estabilidade financeira.

Segundo Costa e Miranda (2013), a taxa de poupança é positivamente influenciada pelo nível de educação financeira, uma vez controlado o efeito de características individuais (idade, cor e sexo), renda e escolaridade. Os autores rejeitaram a hipótese de que o nível de escolaridade influencia positivamente a taxa de poupança, devido aos fatos de que a variável renda influencia a variável escolaridade na amostra analisada por eles, e de que a amostra analisada apresenta

uma média de escolaridade acima dos padrões brasileiros, não podendo assim, ser usada para comparação em estudos com amostras com níveis de escolaridade médio menor.

O nível de escolaridade é medido através da quantidade de anos estudados. De acordo com a Lei n. 9.394, o grau de escolaridade ensino médio corresponde a 3 anos de estudos, enquanto o ensino fundamental corresponde a 9 (Brasil, 1996). Logo, uma pessoa que possui nível médio estudou por um período de, pelo menos, 12 anos. Assumindo a condição de que todos os alunos que cursam o ensino superior passaram pelos estágios obrigatórios de ensinos fundamental e médio, a amostra analisada neste estudo possui um nível de escolaridade de, ao menos, 12 anos, o qual se encontra acima da média brasileira, que, era de 8 anos em 2016. (IBGE, 2017)

Com base nos fluxos e currículos dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da Universidade de Brasília, os quais apresentam disciplinas que tratam de assuntos importantes para o conhecimento financeiro de um indivíduo (como, por exemplo, as disciplinas de introdução à economia, matemática financeira, matemática financeira aplicada às ciências contábeis, cálculo financeiro, finanças, finanças pessoais e finanças comportamentais), levou-se em consideração que os discentes e egressos destas três áreas de conhecimento, provavelmente, possuem algum nível de conhecimento financeiro.

Para a realização da pesquisa será aplicado um questionário de 26 questões, adaptado do modelo validado de Flores (2012), através do instrumento digital de pesquisa Formulários *Google*® em discentes dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da Universidade de Brasília e seus respectivos egressos. Sendo assim, a fim de aprofundar os conhecimentos acerca da influência do conhecimento financeiro no comportamento financeiro dos indivíduos, o presente estudo buscou responder o seguinte questionamento:

Qual é a relação entre o conhecimento e o comportamento financeiro de discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da Universidade de Brasília?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a relação entre o conhecimento e o comportamento financeiro de discentes e egressos das áreas de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da Universidade de Brasília.

1.3.2 Objetivo Específico

- Analisar se existe relação entre o nível de escolaridade e o nível de educação financeira para a amostra analisada.

1.4 Delineamento de Pesquisa

O comportamento financeiro dos indivíduos está diretamente relacionado com as decisões tomadas por eles ao longo de suas vidas. Geralmente, espera-se que as decisões tomadas sejam totalmente racionais, e que, munido da informação correta, o investidor tomará a melhor decisão acerca de suas finanças. A teoria de Finanças Comportamentais considera que o investidor tomará incontáveis decisões, desde onde aplicar os recursos, até a compra e venda de ativos diversos. A compreensão das tendências comportamentais que influenciam o processo decisório tem papel fundamental no sucesso financeiro de uma pessoa. Sendo assim, a cadeira de Finanças Comportamentais estuda a dinâmica do processo decisório humano quanto à gestão financeira e de investimentos. (MOSCA, 2009)

A pesquisa será feita em uma amostra intencional, o método de amostragem intencional ocorre quando de acordo com determinado critério é escolhido intencionalmente um grupo de elementos que irão compor a amostra. (MARTINS E THEÓPHILO, 2009)

Será aplicado um questionário de 26 questões adaptado do modelo validado de Flores (2012), através da plataforma Formulários *Google*® em discentes e egressos da Universidade de Brasília das áreas de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração. O questionário será enviado para os respondentes por e-mail e divulgado em redes sociais.

O estudo tem a intenção de avaliar se, devido ao fato de serem detentores de informações relacionadas a finanças e economia, a amostra indica um melhor comportamento financeiro, apresentando um comportamento de risco menor, uma menor propensão ao endividamento, utilizando conscientemente o crédito, planejando seu consumo e quais são seus comportamentos em relação a investimentos e poupança.

1.5 Justificativa

Dados do Censo 2010 demonstraram que o nível de pessoas com curso superior no Brasil aumentou de 4,4% em 2000 para 7,9% em 2010, o que demonstra que há um número maior de pessoas nos dias de hoje com nível de escolaridade acima da média brasileira. A mesma pesquisa mostrou que um item que também cresceu neste período foi a quantidade de juros pagos pelos cidadãos, as despesas com juros cresceram 70,9%, alcançando a marca de 47,9 bilhões em 2005. (IBGE, 2012)

Sendo assim, ao considerar índices e pesquisas que demonstram um comportamento financeiro problemático de uma parte considerável dos cidadãos brasileiros, e, notando um crescimento do número de pessoas que possuem nível superior no país, este estudo faz-se pertinente, porquanto analisa o comportamento financeiro de consumidores brasileiros que cursam o ensino superior, e têm, portanto, a expectativa de atingir esse grau de escolaridade, num espaço temporal de curto a médio prazo. A constatação de que a parcela da população possuidora de escolaridade de nível superior vem crescendo significativamente nos últimos anos, nos leva a esperar que esse número continue aumentando, de tal maneira que, em algum momento, esse agrupamento de pessoas será predominante na sociedade brasileira, tornando relevante a análise sistemática do comportamento financeiro daqueles indivíduos.

Os estudantes universitários, geralmente, estão em uma fase da vida na qual são obrigados a tomarem decisões que definirão sua independência financeira, e que acarretarão consequências para o bem-estar no futuro. A tomada de decisão e os hábitos financeiros dos cidadãos, especialmente estudantes universitários, têm recebido uma atenção especial do governo e da indústria financeira. Entretanto, com exceção dos Estados Unidos das Américas, o que se vê é que essa é uma questão estudada com menor profundidade no âmbito acadêmico. Estudantes universitários apresentam, frequentemente, baixa habilidade para lidar com a utilização de crédito de maneira responsável. Portanto, é interessante fazer um estudo mais aprofundado do comportamento financeiro dessa camada da sociedade. (Mendes-Da-Silva, Nakamura e Moraes, 2012)

O estudo ainda se mostra relevante para a sociedade, pelo fato de analisar o comportamento financeiro de pessoas que, supostamente, detêm conhecimento financeiro. Desta forma, espera-se que o trabalho demonstre a importância da disseminação de informações relacionadas a finanças pessoais para pessoas que não possuem contato com a área, a fim de que os cidadãos brasileiros tomem conhecimento da relevância deste tópico para suas vidas pessoais e para a sociedade em que vivem.

REFERENCIAL TEÓRICO

A PEIC realizada em 2017 mostrou um aumento de 0,6% do número médio de famílias brasileiras com dívidas de cartão de crédito, cheque especial, cheque pré-datado, crédito consignado, crédito pessoal, carnês, financiamento de veículos e de imóveis. Em três anos consecutivos de pesquisa, observou-se que ano de 2017 foi o que demonstrou a primeira alta nesse indicador. A Tabela 1 ilustra o contexto de endividamento evidenciado na pesquisa. (CNC, 2017)

Tabela 1. Variação do nível de endividamento e inadimplência das famílias brasileiras.

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
PEIC (Percentual do total) – Média anual								
Famílias endividadadas	59,61%	62,2%	58,3%	62,5%	61,9%	61,1%	60,2%	60,8%
Famílias com conta em atraso	24,9%	22,9%	21,4%	21,2%	19,4%	20,9%	24,2%	25,4%
Famílias sem condições de pagar as dívidas	8,9%	8,0%	7,1%	6,9%	6,3%	7,7%	9,2%	10,2%
PEIC – Variação em p-p								
Famílias endividadadas	-	3,1	-4,0	4,3	-0,6	-0,8	-1,0	0,6
Famílias com conta em atraso	-	-2,0	-1,5	-0,2	-1,8	1,5	3,2	1,2
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	-	-0,9	-0,9	-0,2	-0,6	1,4	1,5	1,1

Fonte: C.N.C. - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2017

O cartão de crédito foi o tipo de dívida mais usado pelas famílias brasileiras em 2017, a modalidade de crédito carnê foi a segunda colocada. A Tabela 2 mostra a composição da dívida das famílias entrevistadas. (CNC, 2017)

Tabela 2. Composição da dívida as famílias entrevistadas

Tipo da dívida	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Cartão de crédito	70,9%	72,7%	73,6%	75,2%	75,3%	76,1%	77,1%	76,7%
Cheque especial	8,3%	6,8%	6,2%	6,2%	5,6%	6,2%	7,2%	6,7%
Cheque pré-datado	4,0%	3,0%	2,7%	2,2%	1,8%	1,7%	1,7%	1,4%
Crédito consignado	3,9%	3,9%	4,0%	5,2%	4,7%	4,6%	5,4%	5,6%
Crédito pessoal	11,3%	10,8%	11,3%	10,5%	9,5%	9,0%	10,3%	10,3%
Carnês	25,0%	22,0%	19,8%	18,7%	17,0%	16,9%	15,4%	15,7%
Financiamento de carro	10,3%	10,0%	11,5%	12,2%	13,8%	13,7%	11,2%	10,2%
Financiamento de casa	3,2%	3,5%	4,5%	6,1%	7,8%	8,3%	7,9%	8,2%
Outras dívidas	2,5%	3,1%	2,2%	2,5%	2,3%	2,2%	2,4%	2,6%
Não sabe	0,2%	0,2%	0,3%	0,2%	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%
Não respondeu	0,3%	0,5%	0,3%	0,3%	0,3%	0,1%	0,1%	0,1%

Fonte: C.N.C. - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2017

Além disso, a pesquisa ainda evidenciou que há uma discrepância na trajetória do endividamento influenciada pela renda dos participantes da pesquisa. Houve um aumento do percentual médio de famílias endividadas com renda inferior a 10 salários mínimos, e uma diminuição no percentual médio de famílias endividadas com renda superior a 10 salários mínimos. Houve também uma disparidade na composição das dívidas das famílias com faixas de rendas diferentes: enquanto as famílias com renda menor apresentam pouco interesse por modalidades de crédito a longo prazo e com menor custo, as famílias com renda maior citaram frequentemente as modalidades financiamentos de imóveis e veículos na composição de suas dívidas. (CNC, 2017)

A tendência ao endividamento e à inadimplência, a alta utilização de crédito e baixo nível de poupança para a aposentadoria, são exemplos de um comportamento financeiro problemático. (OCDE, 2013)

A maior parte dos jovens entre 18 e 24 anos já possui cartão de crédito, adquirindo essa facilidade logo quando entram na faculdade, normalmente. Os universitários utilizam o cartão de crédito tanto para o financiamento de seus estudos quanto para gastos não relacionados a sua educação e apresentam altos níveis de endividamento. (MAE, 2005)

Segundo Cauchon (2011), em 2010, o montante devido a empréstimos de estudantes universitários americanos ultrapassou a dívida de cartão de crédito, e a dívida de empréstimo estudantil acumulada estava se aproximando de um trilhão de dólares na época que a pesquisa foi realizada. Uma parte significativa das universidades brasileiras são públicas. Logo, os estudantes não possuem nenhum custo direto com relação a mensalidade da universidade, e, portanto, suas despesas são diferentes, estando geralmente relacionadas a material de estudo, por exemplo. A indústria de cartão de crédito e o sistema de crédito também são diferentes daqueles compreendidos nos Estados Unidos da América, mas, ainda assim, muitos jovens brasileiros apresentam um comportamento financeiro problemático. Mesmo com esse cenário, ainda é perceptível o baixo número de estudos relacionados ao comportamento financeiro desses, uma vez que a maior parte da literatura brasileira sobre o assunto é baseada em estudos de países estrangeiros. (SILVA, NAKAMURA E MORAES, 2012)

Ao analisar os índices apresentados pela PEIC, infere-se que uma grande parte da população brasileira demonstra um comportamento financeiro ruim, apresentando altos índices de endividamento e inadimplência. É possível também concluir, a partir dos dados apresentados nesse estudo, que a camada da população com renda mais baixa apresenta um endividamento ainda maior que o restante da população, característica que pode ser influenciada pelas variáveis renda, escolaridade e nível de educação financeira.

2.1 Finanças Comportamentais

Os desejos de um indivíduo levam à sua tomada de decisões. Geralmente, as atitudes tomadas são formas de alcançar tais desejos. Ao longo de sua vida, uma pessoa precisa tomar inúmeras decisões em todos os aspectos, como, por exemplo, o financeiro, o pessoal, o profissional e o acadêmico. No entanto, o ato de tomar decisões é algo muitas vezes difícil para as pessoas, sendo inclusive, objeto de estudos nas mais variadas áreas como filosofia, ética, estatística e teologia. A dificuldade na tomada de decisões se dá pela complexidade da natureza humana. Sendo assim, a teoria de finanças comportamentais busca fundir conceitos de economia, finanças e psicologia cognitiva, a fim de construir um modelo mais detalhado do comportamento humano nos mercados financeiros. As finanças comportamentais admitem que existem vieses de decisões e consideram que a maioria deles pode e deve ser eliminada. O objetivo é aprimorar modelos financeiros incorporando tendências de comportamento identificadas nos seres humanos. (MACEDO, KOLINSKY E MORAIS, 2011)

Na busca por uma maneira de gerir suas finanças, de forma a chegar a um determinado nível de independência financeira, o investidor toma incontáveis decisões. Nesse sentido, o entendimento de tendências comportamentais que possuem influência nessas decisões é fundamental para o sucesso financeiro. A teoria de Finanças Comportamentais objetiva, então, compreender como se dá a dinâmica do processo decisório humano com relação à gestão financeira e de investimentos. (MOSCA, 2009)

A capacidade de raciocínio do ser humano possui defeitos provocados por fatores subjetivos — emoções, relatividade, expectativas, apego, normas sociais — e tais fatores nos induzem a fazer escolhas muitas vezes irracionais. Os economistas comportamentais acreditam que os erros cometidos através dessas influências podem ser contornados através de ferramentas, métodos e diretrizes que auxiliam a melhorar a tomada de decisões, e, por consequência, o alcance dos objetivos pretendidos. (ARIELY, 2008)

A economia comportamental oferece uma nova perspectiva na tomada individual de decisões e na proteção ao consumidor. Essa linha de pensamento sugere que a tomada de decisão financeira, bem como outros tipos de comportamento, pode ser impulsionada por vieses, e é uma questão mais complexa do que a simples tomada de decisões racionais. As finanças comportamentais podem fazer a educação financeira ser mais efetiva. Apesar da importância significativa que os programas de educação financeira têm, existem outros desafios no que diz respeito à aceitação, retenção e, finalmente, mudança de comportamento financeiro.

Sendo assim, enquanto apresentam formas de tornar a educação financeira mais efetiva, as finanças comportamentais buscam, ao mesmo tempo, destacar outros fatores psicológicos e cognitivos que também podem agir como obstáculos para mudanças e, portanto, nos lembram da necessidade de sermos realistas com relação à educação financeira em si. (OCDE, 2013)

Dessa forma, a teoria de finanças comportamentais busca considerar a natureza do ser humano no momento da tomada de decisões financeiras, levando em consideração que nem sempre os investidores farão suas escolhas da maneira mais racional possível, e que eles estão suscetíveis a influências externas, como por exemplo, o comportamento de terceiros, e, também, questões internas, como fatores psicológicos e pessoais. Sendo assim, as finanças comportamentais representam uma linha teórica que torna a educação financeira mais eficaz, a partir do momento em que trata os investidores como os seres humanos que são, passíveis de fazer escolhas erradas devido as suas emoções e a fatores externos que os influenciam. É de suma importância para o aprimoramento do comportamento do investidor que ele entenda que os fatores influenciadores das suas decisões financeiras vão além do seu simples conhecimento acerca de conceitos financeiros e econômicos, e sobre esse aspecto, a teoria de finanças comportamentais cumpre o papel de estudar as demais variáveis que afetam tais decisões.

2.2 Educação Financeira

Nas últimas duas décadas, o ambiente econômico brasileiro apresentou maior estabilidade, com redução da inflação. Com isso, foi possível o aumento da oferta de produtos e de serviços financeiros, ressaltando, dentre eles, os produtos de crédito, cuja oferta aumentou significativamente, possibilitando um maior poder de compra para a população. Contudo, usufruir destes produtos de forma consciente é fundamental para a manutenção da estabilidade econômica do país. O conhecimento do funcionamento do mercado, da forma como a vida financeira do cidadão é impactada pelos juros, o consumo consciente, o uso do crédito com sabedoria e a compreensão da importância e dos benefícios do planejamento e acompanhamento do orçamento pessoal e familiar, são alguns dos exemplos de conhecimentos e comportamentos básicos relacionados ao tópico de educação financeira. A educação financeira está, portanto, intimamente ligada aos níveis de endividamento e inadimplência. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013)

A educação financeira é um instrumento de provimento de conhecimentos e informações sobre os comportamentos básicos que contribuem para uma melhora na qualidade

de vida da população. Ela promove o desenvolvimento econômico através do aumento da qualidade das decisões financeiras de indivíduos que têm capacidade de investimento no país. Um consumidor que possui educação financeira exige produtos financeiros adequados às suas necessidades, e, em decorrência disso, a competitividade entre os credores aumenta e a economia é estimulada. Esse consumidor desempenha um papel importante no monitoramento do mercado, através da exigência de maior transparência das instituições financeiras, colaborando para a solidez e eficiência do sistema financeiro do país. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013)

A educação financeira lida com informação e aprendizagem. É inegavelmente essencial ajudar os cidadãos de qualquer país a gerir melhor suas vidas financeiras. Com o conhecimento financeiro, espera-se que sejam feitas escolhas que aumentarão o bem-estar, tanto do indivíduo, quanto da sociedade. Programas de educação financeira podem aumentar as chances de uma real mudança no comportamento e, conseqüentemente, de realização de escolhas mais benéficas para o cidadão, desde que tenham como objetivo ajudar nas mudanças de atitude daqueles a que se dirigem, e não apenas a simples transmissão de informações técnicas a respeito de finanças e economia. (OCDE, 2013)

A educação financeira pode ser definida como o processo através do qual os consumidores financeiros aprimoram seu conhecimento sobre produtos financeiros, conceitos e riscos e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvem habilidades e confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos financeiros e das oportunidades, para fazer escolhas inteligentes, para saber onde procurar ajuda e para tomar outras ações efetivas que melhorarão seu bem-estar financeiro. Nesse contexto, o conceito de informação envolve a ideia de proporcionar aos consumidores acesso aos fatos, dados e conhecimentos específicos, para conscientizá-los sobre as oportunidades financeiras. Instrução, envolve o ato de assegurar que os indivíduos adquiram a habilidade de entender os termos e conceitos financeiros, por meio do oferecimento de treinamento e orientação. Aconselhamento, envolve a perspectiva de prover os consumidores de conselhos sobre questões financeiras e produtos, para que possam fazer o melhor uso possível da informação e da instrução financeira que receberam. (OCDE, 2013)

De acordo com Costa e Miranda (2013), educação financeira é uma expressão do capital humano de cada indivíduo; é o conhecimento de economia resultante de treinamento específico, experiências e habilidades adquiridas. Para que os investidores apresentem um bom comportamento financeiro, é extremamente importante que, primeiramente, eles estejam munidos de informações suficientes sobre conceitos financeiros e econômicos, para que

entendam qual o melhor tipo de investimento ou transação financeira para eles. A educação financeira é tão importante para a saúde financeira do país quanto para a saúde financeira de cada indivíduo, Portanto, trata-se de um assunto muito relevante e pouco compreendido por muitos, devido à sua natureza relativamente complexa.

Ser educado financeiramente previne os consumidores financeiros do risco de adquirirem produtos que não são adequados às suas necessidades, de assumirem compromissos maiores do que seu orçamento permite, e que tomem empréstimos com condições de pagamento desfavoráveis, além de muitas outras situações vivenciadas por um indivíduo diariamente. Portanto, educação financeira é um meio de adquirir conhecimento sobre conceitos econômicos e financeiros, de entender os riscos assumidos nas transações financeiras, de compreender as oportunidades de investimento, além de ajudar a tomar consciência sobre a importância do planejamento orçamentário, e da reserva de recursos financeiros para situações de emergência e para a aposentadoria.

É válido ressaltar que a educação financeira é uma característica sobre a qual não existe consenso para sua medição. Cada autor a mensura de uma forma diferente na literatura. No Brasil, foi criado um índice chamado Índice de Educação Financeira (INDEF) em 2012, elaborado pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística) em parceria com a Serasa Consumidor. O indicador busca compreender melhor os níveis de conhecimento financeiro, os hábitos de consumo e as necessidades financeiras da população brasileira. (SILVA *et al.*, 2017)

O INDEF é composto por subíndices. São eles: a atitude, que avalia o entendimento sobre conceitos financeiros; o conhecimento, que considera como a pessoa interpreta sua relação com o dinheiro, e o comportamento, que mede as ações propriamente ditas do entrevistado, como, por exemplo, se ele gasta mais do que ganha, guarda dinheiro e se planeja para o futuro. Em uma escala de 0 a 10, a nota média brasileira foi 6,2 nesse índice. Essa média já é mantida desde 2015, o que, num cenário de crise econômica e política, realidade brasileira nos dias de hoje, demonstra que o brasileiro apresentou um comportamento financeiro adequado, não se deixando abalar pelas dificuldades apresentadas pela conjuntura econômica, buscando superá-las por caminhos alternativos, como a iniciativa de enxugar o orçamento, por exemplo. No entanto, apesar disso, é importante considerar que essa média é considerada apenas regular. (SERASA EXPERIAN, 2018)

Os resultados do INDEF 2017 apresentaram conclusão de que as mulheres mostraram um crescimento no subíndice “atitude” de 0,4%, em comparação com o ano de 2015, e que, no entanto, não houve diferença significativa nos resultados por gênero. Com relação à idade, tem-se que jovens de 16 a 17 anos apresentaram queda de 0,4% na sua média geral, e que o resultado

de pessoas acima de 65 anos caiu de 6,4 em 2015 para 6,1 em 2017. Nota-se, de maneira pouco expressiva, uma maior educação financeira para indivíduos com maior grau de escolaridade. Isso se dá, porque o subíndice “comportamento” não varia tanto com o grau de escolaridade. No entanto, o subíndice “conhecimento” fica claramente maior quanto maior o grau de escolaridade. A análise da variável renda mostrou que o grupo de entrevistados que possuem ganhos superiores a 10 salários mínimos teve o maior crescimento na média de educação financeira, e que houve uma queda de 0,8% na média de entrevistados que possuem renda de 5 a 10 salários mínimos. A média de educação financeira se apresentou menor quando o entrevistado não possui formação de poupança. (SERASA EXPERIAN, 2018)

O comportamento financeiro de um indivíduo pode ser influenciado por diversas variáveis, como, por exemplo, o nível de educação financeira, o perfil de investidor do consumidor financeiro, sua religiosidade, seu grau de escolaridade, renda, sexo, faixa etária, estado civil e quantidade de dependentes. (SILVA *et al.*, 2017)

Para a realização deste estudo, optou-se por avaliar as variáveis socioeconômicas e demográficas renda, grau de escolaridade, sexo e faixa etária, o perfil de gasto, a posição do entrevistado com relação a poupança e investimentos, o consumo planejado, o uso do crédito, a gestão financeira, o comportamento de risco e o endividamento.

2.2.1 Endividamento

O nível e a propensão ao endividamento de um consumidor financeiro têm relação direta com características pessoais como faixa etária, sexo, renda, escolaridade e nível de educação financeira, e também com características mais externas ao indivíduo, como a cultura do país no qual ele está inserido e a religião predominante na sociedade. Além disso, fatores comportamentais pessoais, como o nível de consumismo e o valor que o indivíduo dá ao dinheiro, também tem bastante influência na forma como o indivíduo lida com suas dívidas.

Os estudos feitos na análise de endividamento são desenvolvidos em áreas distintas, pois diversos fatores influenciam o comportamento de um consumidor financeiro e seu possível endividamento. Essa análise faz-se necessária, pois, a depender do seu nível de endividamento, a pessoa pode comprometer significativamente sua renda com o pagamento de dívidas. Nesse sentido, é interessante elencar algumas das variáveis que influenciam a propensão ao endividamento dos indivíduos. São elas: os aspectos demográficos (idade, renda, sexo, número de dependentes, estado civil, entre outros), aspectos culturais (os grupos raciais, religiões e

regiões geográficas), os fatores comportamentais (os valores do dinheiro, a percepção e o comportamento de risco, a educação financeira, o uso do crédito e as emoções, entre outros). (FLORES, 2012)

O perfil de endividamento está intimamente ligado à fase do ciclo de vida da pessoa, sendo então, importante analisar características demográficas como idade, sexo, estado civil, número de dependentes, entre outras. Durante a vida, o consumidor passa por fases. No início da vida adulta, preocupa-se com o custeio de educação, formação, habitação e equipamentos diversos, que o levam a procurar mais por crédito. Mais tarde, os rendimentos desse indivíduo passam a superar suas despesas. Apesar disso, o envelhecimento produz novas necessidades de consumo, ligadas à saúde e qualidade de vida, em face de inesperadas exigências de gestão financeira. (FRADE *et al.*, 2008)

Segundo Flores (2012), a cultura é o principal fator determinante do comportamento e dos desejos de uma pessoa. Numa sociedade de consumo, diversos instrumentos são responsáveis pela forma de utilização dos bens de consumo. Tais fatores são a publicidade, o sistema de moda e os rituais de consumo. Eles se encaixam nos aspectos culturais de cada sociedade, e têm influência direta na forma como os consumidores comportam-se com relação às suas finanças e sua propensão ao endividamento. (MCCRACKEN, 2007)

Na sociedade capitalista, o consumo faz parte da rotina dos indivíduos. Sendo assim, o incentivo ao materialismo é intenso e cada dia mais acessível com as facilidades de crédito fornecidas pelas instituições financeiras. O ato de endividar-se, geralmente, tem uma conotação automaticamente negativa. No entanto, é interessante observar o nível de endividamento e o tipo da dívida do consumidor. Nas últimas duas décadas, o acesso ao crédito, tanto pela pessoa física quanto pela pessoa jurídica, foi significativamente facilitado pelo governo, e essa atitude trouxe benefícios à economia e à sociedade, pois as pessoas passaram a ter um maior poder de compra, além de terem maior acessibilidade a bens, como imóveis e veículos, o que, em muitos casos, não seria possível se o cenário econômico fosse diferente.

2.2.2 Comportamento de risco

A palavra risco deriva do italiano antigo *risicare*, que significa arriscar. Existe uma dificuldade coletiva na academia, quando se trata da conceituação da palavra risco, pois refere-se a um termo que possui multiplicidade e variedade de sentido. No entanto, majoritariamente, a palavra risco possui uma conotação negativa. (FLORES, 2012)

Para Mosca (2009), “as perdas, sejam pessoais ou financeiras, são exemplos de eventos desagradáveis que buscamos evitar. No mercado financeiro isso tem implicação importante, uma vez que a perda é um evento impossível de ser dissociado da vida do investidor que corre risco na busca por um retorno adicional para a sua carteira de aplicações.”

O comportamento de risco seria então a atitude de indivíduo perante situações consideradas arriscadas, desta forma é possível identificar se a pessoa é mais tendente, avessa ou indiferente ao risco quando está diante de decisões de compra, que influenciam em todo o quadro de finanças pessoais. (FLORES, 2012)

No âmbito do mercado financeiro, a perda é algo que os investidores devem lidar diariamente. O comportamento de risco está diretamente associado com a atitude do investidor perante uma situação de potencial risco ou perda, por isso é de extrema importância que o investidor conheça qual é o perfil dele, se é mais avesso ao risco, o chamado conservador, se é moderado ou então, se é arrojado, privilegiando a rentabilidade e assumindo riscos maiores.

2.2.3 Uso do crédito

A palavra crédito tem origem do latim “*creditus*”, que significa confiança. Conforme mencionado anteriormente, no Brasil o mercado de crédito à pessoa física, como cheque especial, cartão de crédito, crédito pessoal e crédito consignado se intensificou nas últimas duas décadas. Sendo o crédito consignado uma das formas de crédito que mais cresce por apresentar risco menor ao credor. (FLORES, 2012)

O crédito pode ser benéfico e problemático ao mesmo tempo, tanto para o tomador quanto para o fornecedor do crédito. O tomador de crédito pode ter diversas vantagens com essa prática, como a antecipação de consumo, o atendimento a emergências e o aproveitamento de oportunidades. No entanto, existem desvantagens que podem acarretar problemas sérios posteriores, como o pagamento de juros, o risco de endividamento excessivo e o limite de consumo futuro. Portanto, é de extrema importância que haja um consumo responsável de crédito através da compreensão de todas as vantagens e desvantagens por ele trazidas. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013)

Um estudo feito em São Paulo com estudantes universitários demonstrou que o acesso facilitado ao crédito favorece uma utilização pouco responsável. O número de cartões de crédito que um jovem possui aumenta sua probabilidade de apresentar um comportamento de risco. Além disso, o estudo concluiu que existem indicações significativas de que a educação financeira influencia o comportamento dos estudantes através da adoção ou não de um

comportamento de risco, ou seja, aqueles que tinham consciência sobre as taxas de juros aplicadas pelos credores apresentaram, em geral, uma menor propensão a adotar comportamentos de risco. (SILVA, NAKAMURA E MORAES, 2012)

Conforme já comentado anteriormente, o uso do crédito pode trazer benefícios tanto para a economia quanto para a vida pessoal do consumidor. A real barreira para muitas pessoas se encontra na dificuldade de manter o autocontrole, agravada pela acessibilidade e facilidade com as quais as linhas de crédito atuais são disponibilizadas. Saber administrar as finanças pessoais e ter consciência das taxas assumidas é essencial para um uso consciente do crédito.

2.2.4 Gestão financeira e consumo planejado

Entende-se educação financeira como o conjunto de informações que auxilia as pessoas a lidarem com sua renda, com a gestão do seu dinheiro, gastos e empréstimos monetários, poupança e investimentos a curto e longo prazo. Todas as possibilidades que o mercado financeiro proporciona para os consumidores só podem ser aproveitadas, se a sociedade tiver acesso a informações específicas que auxiliem as pessoas a encontrarem a melhor forma possível para lidar com tópicos relacionados a esses assuntos. (MATTA, 2007)

De acordo com o Banco Central do Brasil (2013), o ato de consumir de forma planejada e consciente não significa restringir gastos e deixar de consumir. Trata-se de focar os recursos naquilo que é mais relevante para a realidade pessoal de cada um. O planejamento financeiro possibilita consumir mais e melhor. O “mais” denota a potencialização do dinheiro e o “melhor” visa a eliminação de desperdícios. O planejamento financeiro pode trazer inúmeras vantagens, dentre elas, pode-se citar o controle do endividamento pessoal, o auxílio na preservação e no aumento do patrimônio, a eliminação de gastos desnecessários, a utilização dos juros de forma a favorecer o consumidor e a maximização dos recursos disponíveis.

Muitas são as dificuldades encontradas pela população em geral para planejar seu consumo, como, por exemplo, a busca do prazer imediato, a pouca informação financeira e a “memória inflacionária”, consequência dos muitos anos de inflação alta vivida pela sociedade brasileira, que induzia as pessoas a gastarem imediatamente o que recebiam a fim de não perderem o poder de compra do seu dinheiro. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013)

Consumir de forma planejada requer organização e disciplina. Prever o orçamento mensal, reservar recursos para situações de emergência, reservar recursos para a aposentadoria, controlar despesas, ter consciência do quanto se gasta mensalmente, realizar investimentos de

forma inteligente e fazer um uso adequado do crédito são características provenientes de uma boa gestão financeira e um consumo planejado. Desta forma, o consumidor tem a capacidade de utilizar melhor seu dinheiro e de adquirir aquilo que deseja, dentro das condições adequadas para sua situação financeira.

2.2.5 Poupança e Investimentos

Poupança pode ser considerada como a diferença entre as receitas e as despesas. A poupança é uma sobra financeira, e deve ser direcionada para algum tipo de investimento para que seja remunerada. Existe muita confusão com relação aos termos poupança e caderneta de poupança. A poupança é a diferença entre tudo o que se ganha e tudo o que se gasta, e deve ser direcionada para algum investimento, enquanto a caderneta de poupança é um tipo de investimento. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013)

A quantidade que se deve poupar em determinado período de tempo é uma das decisões financeiras mais comuns que as pessoas enfrentam em suas rotinas. O ato de poupar significa guardar parte da renda presente para utilizar no futuro. Os estudos feitos na área nos permitem concluir que pessoas que possuem renda mais alta tendem a poupar mais para a aposentadoria e apresentam uma taxa de poupança mais alta que pessoas com rendas mais baixas. (COSTA E MIRANDA, 2013)

Costa e Miranda (2013) chegaram à conclusão de que a taxa de poupança é diretamente influenciada pela educação financeira que os indivíduos possuem. Além disso, outros resultados interessantes da pesquisa mostraram que pessoas do sexo masculino poupam em média 5,41% a mais que pessoas do sexo feminino. A variável faixa etária também apresentou influência no nível de poupança.

Investimento é a aplicação dos recursos poupados, com a expectativa de remuneração por essa aplicação. Para fazer investimentos de forma efetiva, a fim de se obter o retorno almejado, é necessário um conhecimento básico de termos e conceitos financeiros. É primordial ter discernimento para entender os conceitos básicos de liquidez, a qual refere-se à capacidade do investimento em se transformar em dinheiro; o risco, que é a probabilidade de ocorrência de perdas, e, por fim, a rentabilidade, que é a remuneração que esse investimento traz ao investidor, isto é, o retorno propriamente dito. Além disso, é interessante saber o perfil do investidor, ou seja, seu comportamento frente ao risco, sua preferência por liquidez e expectativa de rentabilidade. Esse perfil possui três classificações: o conservador, que privilegia a segurança,

aceitando inclusive uma rentabilidade menor por isso; o moderado, que procura equilibrar segurança e rentabilidade, estando disposto a correr algum risco, e o arrojado, que privilegia a rentabilidade, e está disposto a correr grandes riscos para obter o maior retorno possível. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013)

A poupança é, então, a diferença entre tudo o que se ganha e tudo o que se gasta, e os investimentos são as formas de remunerar esse dinheiro. Existem os mais variados tipos de investimento, desde os que remuneram mais o capital e apresentam maior risco de perda, até os que remuneram menos e apresentam menor risco. É interessante que o investidor conheça esses conceitos e saiba qual é o objetivo do seu dinheiro, podendo alocar seus recursos em aplicações diferentes, apresentando uma variação na carteira de investimentos, o que denota uma gestão financeira inteligente.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, buscou-se analisar a relação entre o conhecimento e o comportamento financeiro de discentes, e egressos das áreas de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da Universidade de Brasília (UnB).

3.1 Perfil da amostra

Para a realização desta pesquisa, não foi possível ter acesso ao tamanho da população. Portanto, a amostra analisada é uma amostra intencional, a qual, segundo Martins e Theóphilo (2009), é um tipo de amostragem em que há uma escolha proposital dos elementos da amostra. Sendo assim, foram escolhidos discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da UnB, devido ao fato desses indivíduos terem contato com termos e tópicos relacionados a finanças, economia e mercado financeiro. Logo, pressupõe-se que eles possuem algum nível de conhecimento financeira. Com isso, é possível verificar qual é o comportamento financeiro desses indivíduos, os quais são, supostamente, detentores de conhecimento financeiro.

3.2 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário eletrônico, adaptado do modelo validado de Flores (2012), de 26 questões, disponível aos respondentes através da plataforma digital Formulários *Google*®. Segundo Martins e Theóphilo (2009), o questionário é um importante e popular instrumento de coleta de dados para uma pesquisa social. Trata-se de um conjunto ordenado e consistente de perguntas a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever. O questionário está dividido em cinco partes e foi enviado por correio eletrônico (e-mail) para os discentes e também disponibilizado em redes sociais. Ele ficou disponível para respostas do dia 02/05/2018 ao dia 21/05/2018, sendo coletadas 177 respostas.

A primeira parte do questionário é composta por perguntas fechadas, perguntas dicotômicas e perguntas de múltipla escolha. Esta parte da pesquisa é composta por 6 questões, e foi elaborada em conformidade com as classificações do IBGE, tendo como objetivo traçar

os aspectos demográficos e socioeconômicos do respondente. As variáveis abordadas foram o sexo, o nível de escolaridade, o curso de formação, dentre os analisados (Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração). Se o respondente possui renda, em qual faixa de renda ele se encaixa e, caso não possua renda, qual tipo de renda utiliza.

Após detalhamento do perfil do respondente, a segunda parte da pesquisa buscou verificar qual é a posição dos entrevistados com relação ao uso do crédito e o seu perfil de gastos. Para isso, foram feitas duas perguntas: a primeira, verifica o comportamento em relação ao cartão de crédito, questionando quantos cartões de crédito os respondentes utilizam. E a segunda, analisa o seu perfil de gasto, a fim de identificar se os respondentes gastam mais do que ganham, ou não.

Na terceira parte do questionário, estão contidas 12 questões sobre educação financeira. Adotou-se uma escala tipo Likert com 5 pontos, 1 = nunca; 2 = quase nunca; 3 = quase sempre; 4 = sempre; 5 = não se aplica, para as afirmações favoráveis à educação financeira, e 1 = sempre; 2 = quase sempre; 3 = quase nunca; 4 = nunca; 5 = não se aplica, para as questões desfavoráveis à educação financeira. De acordo com Martins e Theóphilo (2009), a escala Likert, criada no início dos anos 30, é um enfoque muito utilizado em investigações sociais, que consiste em um conjunto de itens apresentados em forma de afirmações, ante as quais se pede ao sujeito que externar sua reação, escolhendo uma das opções dos pontos de escala. Após o colhimento das respostas, estas foram convertidas em escores segundo Flores (2012), sendo estes: 12 (pontuação mínima) e 48 pontos (pontuação máxima). De acordo com a pontuação obtida os casos são classificados como baixo nível de conhecimento (abaixo de 60% da pontuação máxima, ou seja, igual ou abaixo de 28 pontos), nível médio de conhecimento (entre 60% e 79% da pontuação máxima, entre 29 e 37 pontos) e alto nível de conhecimento sobre finanças pessoais (acima de 80%, ou seja, igual ou superior a 38 pontos).

Na quarta parte, verificou-se o comportamento de risco dos respondentes. São três questões que indagam sobre a possibilidade de o respondente realizar ações de risco. A escala utilizada por Flores (2012) questiona apenas sobre situações correspondentes a risco financeiro. As perguntas foram feitas para verificar a probabilidade do indivíduo realizar as ações elencadas, as alternativas são distribuídas através de 5 pontos, 1 = muito improvável; 2 = improvável; 3 = incerto; 4 = provável; 5 = muito provável.

Na quinta e última parte, foram feitas questões sobre o comportamento dos indivíduos frente ao endividamento. A seção compreendeu três questões acerca da percepção dos respondentes sobre situações relacionadas ao tópico endividamento, e foi dividida em duas dimensões, sendo duas questões demonstrando atitudes mais avessas, e uma demonstrando

atitude mais tendenciosa ao endividamento. As alternativas foram distribuídas em 5 pontos, 1 = discordo muito; 2 = discordo; 3 = indiferente; 4 = concordo; 5 = concordo muito, para as afirmações avessas ao endividamento, e 1 = concordo muito; 2 = concordo; 3 = indiferente; 4 = discordo; 5 = discordo muito, para as questões tendenciosas ao endividamento.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, juntamente com questionário completo, se encontram nos Apêndices A e B do trabalho, respectivamente. É válido ressaltar que os respondentes tiveram a liberdade de escolher se gostariam ou não de participar, ficando cientes de qual era o objetivo e o porquê de a pesquisa estar sendo feita. A identidade dos respondentes ficou completamente protegida.

Os dados foram tabulados e analisados utilizando o software *Microsoft Excel*®. A fim de responder o problema de pesquisa, os resultados da terceira parte do questionário, que mensura a educação financeira dos respondentes, foram cruzados com cada uma das duas últimas partes, relacionados ao comportamento de risco e ao endividamento, respectivamente. Para atingir o objetivo específico da pesquisa, foram cruzados os resultados da variável escolaridade com as respostas relacionadas a educação financeira.

Além disso, será possível avaliar a influência da variável renda dos participantes em sua propensão ao endividamento, o que proporcionará a verificação de que o citado pela CNC (2017) — de que na PEIC, foi averiguado que pessoas com renda inferior a 10 salários mínimos são mais endividadas do que pessoas com renda superior a essa mesma faixa salarial — se encaixa na amostra analisada pelo presente estudo.

O instrumento de coleta de dados também proporcionará o cruzamento dos resultados relacionados à variável faixa etária dos respondentes e o número de cartão de crédito utilizado por eles; número de cartões de crédito e comportamento de risco, e faixa etária e propensão ao endividamento, pois, segundo estudo de Mendes da Silva, Nakamura e Moraes (2012), o acesso facilitado ao crédito favorece uma utilização pouco responsável, sendo que o número de cartões de crédito que um jovem possui, tem influência direta no seu comportamento de risco.

Segundo Costa e Miranda (2013), as variáveis escolaridade e poupança não estão diretamente ligadas. Portanto, na análise de resultados serão cruzados os resultados da variável nível de escolaridade e educação financeira — a qual abrange questões que tratam de poupança — para averiguar se o mesmo pode ser afirmado para a amostra analisada. Por outro lado, os resultados do INDEF de 2017 averiguaram uma relação diretamente proporcional entre o nível de escolaridade e a educação financeira dos indivíduos. Logo, torna-se interessante fazer essa análise. Ainda será possível avaliar se a educação financeira é influenciada pela variável sexo,

para verificar se o resultado encontrado por Costa e Miranda (2013), de que os homens poupam mais do que as mulheres, se aplica aos indivíduos questionados nessa pesquisa.

Por fim, realizou-se análise estatística entre os indicadores e variáveis adotados no estudo. Utilizou-se o software *Microsoft Excel*® para realização de análise de variância (ANOVA) fator único, sem repetição, correlacionando os indicadores de educação financeira, comportamento de risco e endividamento, com as variáveis faixa etária, sexo, renda e escolaridade ao nível de significância de 95% ($p < 0,05$). As planilhas utilizadas no cálculo da ANOVA encontram-se no Apêndice C do trabalho.

3 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil da amostra

Após divulgação do questionário, foram coletadas 177 respostas. O perfil da amostra se encontra na Tabela 3.

Tabela 3. Perfil da amostra

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual
Sexo	Masculino	87	49,2%
	Feminino	90	50,8%
Idade	Até 17 anos	2	1,1%
	De 18 até 25 anos	142	80,2%
	De 26 até 30 anos	21	11,9%
	De 31 até 35 anos	9	5,1%
	Acima de 36 anos	3	1,7%
Escolaridade	Superior incompleto	114	64,4%
	Superior completo	63	35,6%
Renda	Sem renda própria	60	33,9%
	Até 1 salário mínimo (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	29	24,0%
	De 1 a 5 salários mínimos (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	65	53,7%
	De 5 a 10 salários mínimos (grupo que	19	15,7%

	afirmou possuir renda, n = 121)		
	Acima de 10 salários mínimos (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	8	6,6%

Total de respondentes (n) = 177

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 3, é possível perceber que houve uma distribuição quase igual entre os sexos, sendo as mulheres correspondentes a 50,8% da amostra, contra 49,2% de respondentes do sexo masculino. Com relação à faixa etária, 80,2% da amostra se encontra na faixa etária de 18 a 25 anos, seguida da faixa etária de 26 a 30 anos, representando 11,9%. Em terceiro lugar, ficou a faixa etária de 31 a 35 anos, representando 5,1%. Em quarto lugar, ficaram os respondentes acima de 36 anos, correspondentes a 1,7%. E por último, os respondentes até 17 anos, que representaram 1,1% da amostra.

Os resultados das questões sobre a variável nível de escolaridade, que foi dividida entre superior completo e superior incompleto, demonstraram que a maior parte da amostra (64,4%) é composta de indivíduos que ainda estão cursando o ensino superior, ou seja, superior incompleto, enquanto os egressos (superior completo) representaram 35,6% da amostra analisada.

É importante ressaltar que, no questionário, os respondentes foram primeiramente inquiridos sobre se possuíam renda própria ou não. Sendo assim, 33,9% da amostra afirmou que não possui renda própria, utilizando, em sua grande maioria (80,8%), a renda de pais ou responsáveis, o que corrobora com sua faixa etária, pois trata-se de pessoas majoritariamente jovens, e com seu nível de escolaridade, pois são indivíduos que ainda estão, em sua maioria, cursando o nível superior. Com relação ao restante da amostra, que respondeu que possuía renda própria, 53,7% possui renda na faixa de 1 a 5 salários mínimos, em seguida, 24,0% possui renda de até 1 salário mínimo, 15,7% a de 5 a 10 salários mínimos, e, por último, apenas 6,6% apresentou renda superior a 10 salários mínimos.

4.2 Uso de cartão de crédito e perfil de gasto

Após detalhamento das características da amostra, foram feitas perguntas para definir o uso de crédito da amostra e seu perfil de gasto. Os resultados dessa análise encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4. Uso de cartão de crédito e perfil de gasto

Variável	Alternativas	Frequência	Frequência (%)
Número de cartões de crédito utilizados	1	86	48,6%
	2	44	24,9%
	Acima de 2	12	6,8%
	Não utilizo	35	19,7%
Gastos	Gasto mais do que ganho	19	10,7%
	Gasto igual ao que ganho	57	32,2%
	Gasto menos do que ganho	101	57,1%

Total de respondentes (n) = 177

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação ao uso de cartão de crédito, 48,6% da amostra relatou que usa 1 cartão de crédito, 24,9% utiliza 2 cartões de crédito, 19,7% não faz uso desse tipo de linha de crédito, e 6,8% da amostra usa mais de 2 cartões de crédito. Com relação ao perfil de gasto, os indivíduos foram questionados se gastam mais do que ganham, igual ao que ganham ou menos do que ganham. Os resultados demonstraram que 57,1% da amostra relatou que gasta menos do que ganha, 32,2% gasta igual ao que ganha, e apenas 10,7% gasta mais do que ganha.

De acordo com os resultados dessa fase da pesquisa, verificou-se um comportamento consciente frente ao gasto, pois a maior parte da amostra gasta abaixo do que possui de renda. A parcela que gasta mais do que ganha foi pequena. Com relação ao uso de cartão de crédito, os resultados também foram positivos, pois a maioria dos respondentes utiliza apenas 1 cartão de crédito, e a parcela que utiliza mais de 2 cartões foi pequena.

Os resultados satisfatórios eram esperados para a amostra analisada nesse estudo. As respostas relacionadas ao uso de cartão de crédito vão de acordo com o verificado por Flores (2012). A amostra analisada pela autora também apresentou uma maior concentração de

indivíduos que utilizam apenas 1 cartão de crédito (29,1% do total que afirmou utilizar cartão). No entanto, para a amostra analisada por Flores, um percentual representativo dos respondentes (43,4%) afirmou não utilizar cartão de crédito. Com relação ao perfil de gasto, a maior parte da amostra da autora também afirmou que gasta menos do que ganha (46,2%).

4.3 Educação Financeira

Na terceira etapa do questionário, foi usada uma escala Likert de 5 pontos. Foram feitas 12 afirmações relacionadas à educação financeira. Para as afirmações favoráveis à educação financeira, os pontos foram assim divididos: nunca = 1; quase nunca = 2; quase sempre = 3; sempre = 4 e não se aplica = 5. Para as afirmações desfavoráveis à educação financeira, os pontos foram assim distribuídos: 1 = sempre; 2 = quase sempre; 3 = quase nunca; 4 = nunca e 5 = não se aplica. Desta forma, os pontos de cada respondente foram somados, excluindo-se os pontos marcados como “não se aplica”, a fim de identificar qual é o nível de educação financeira dos respondentes. A pontuação mínima dessa fase é 12 e a máxima 48. O nível de conhecimento sobre finanças pessoais foi considerado baixo, quando a soma resultava num valor abaixo de 60% da pontuação máxima, ou seja, igual ou abaixo de 28 pontos, médio quando a soma dos pontos resultava em um valor entre 60% e 79% da pontuação máxima, ou seja, entre 29 e 37 pontos, e alto quando a soma resultava em um valor acima de 80%, ou seja, igual ou superior a 38 pontos.

A Tabela 5 apresenta as questões dessa etapa e sua estatística descritiva (média, mediana e desvio padrão).

Tabela 5. Educação Financeira

Variáveis	Favorável ou não à Educação Financeira	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro	Favorável	3,54	4	0,61
2. Anota e controla os seus gastos pessoais (ex: planilha de receitas e despesas mensais, caderno de anotações financeiras, etc).	Favorável	2,55	3	1,09
3. Paga suas contas sem atraso.	Favorável	3,10	4	1,17
4. Tem utilizado cartões de crédito bancário automático (ex: cheque especial) por não possuir dinheiro disponível para as despesas	Desfavorável	3,66	4	0,86

5. Mais de 10% da renda que você recebe no mês seguinte está comprometida com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro).	Desfavorável	2,79	3	1,28
6. Paga integralmente a fatura do(s) seu(s) cartão(ões) de crédito a fim de evitar encargos financeiros (juros e multas).	Favorável	3,87	4	0,83
7. Poupa mensalmente	Favorável	2,84	3	1,08
8. Poupa visando a compra de um produto mais caro (ex: carro, apartamento)	Favorável	2,67	3	1,14
9. Possui uma reserva financeira que seja maior ou igual a 3 vezes a sua renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex: desemprego, doença)	Favorável	2,51	2	1,43
10. Analisa suas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra	Favorável	3,20	3	0,92
11. Prefere comprar um produto financiado a juntar dinheiro para compra-lo a vista	Desfavorável	3,09	3	0,98
12. Compra por impulso	Desfavorável	2,87	3	0,85
Total de respondentes (n) = 177				

Fonte: Dados da pesquisa

As questões de 1 a 3 estão relacionadas com a gestão financeira dos respondentes, sendo que a afirmação “Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro” se destacou por apresentar os resultados mais positivos (média 3,54; mediana 4; desvio padrão 0,61), o que denota que os respondentes estão mais próximos de sempre preocuparem-se em gerenciar melhor seu dinheiro. De modo geral, a amostra apresentou resultados mais próximos de sempre ou quase sempre nessas questões, o que demonstra uma gestão financeira satisfatória. No questionário aplicado por Flores (2012), os respondentes apresentaram resultados medianos para essa análise, sendo a afirmativa “Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro”, a que apresentou melhor resultado também.

As questões de 4 a 6 referem-se ao uso do crédito por parte dos respondentes. As afirmações 4 e 5 são desfavoráveis à educação financeira. Dentre elas, a afirmação 4 destacou-se, a maioria dos respondentes respondeu nunca ou quase nunca para a afirmação “Tem utilizado cartões de crédito bancário automático (ex: cheque especial) por não possuir dinheiro disponível para as despesas”, o que demonstra um nível baixo de propensão ao endividamento. Com relação a afirmação favorável à educação financeira, a de número 6, os resultados mostraram que os respondentes afirmaram majoritariamente que sempre pagam integralmente a fatura do(s) seu(s) cartão(ões) de crédito a fim de evitar encargos financeiros (juros e multas). De forma geral, as questões de uso de crédito também apresentaram resultados satisfatórios. Na

pesquisa de Flores (2012) os resultados para a afirmativa 6 foram parecidos com o constatado nessa pesquisa, a maioria da amostra também afirmou que sempre paga integralmente a fatura do cartão de crédito. Para a pesquisa da autora, os resultados para essa fase também foram positivos.

As questões de 7 a 9 abordam afirmativas sobre consumo planejado. A questão “Possui uma reserva financeira que seja maior ou igual a 3 vezes a sua renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex: desemprego, doença)” destacou-se por apresentar a menor média (2,51) de todo o questionário, o que mostra que a maioria dos respondentes respondeu entre quase nunca e quase sempre para essa afirmação. De forma geral, os indivíduos responderam mais próximo de quase sempre para as afirmativas relacionadas a consumo planejado, sendo este um resultado também satisfatório. No estudo feito por Flores (2012), a maioria da amostra respondeu sempre ou quase sempre pra afirmação “Poupa mensalmente”, que obteve média de 2,68, no entanto, uma grande parte da amostra (43,9%) afirmou que nunca poupa mensalmente. Em comparação com o constatado no presente estudo, a diferença entre os resultados para essa afirmação foi pequena, aqui, a média para essa afirmativa foi 2,84, ou seja, os resultados foram próximos.

Por fim, as questões de 10 a 12 são relacionadas a poupança e investimento. A afirmação “Analisa suas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra” apresentou uma média de 3,20, o que demonstra que as respostas para essa questão foram majoritariamente quase sempre. As questões 11 e 12 são desfavoráveis à educação financeira. Ambas apresentaram médias mais próximas de 3, o que para o caso delas, demonstra que os respondentes afirmaram, em sua maioria, quase nunca para as duas. Os resultados foram positivos para esse bloco de afirmações, demonstrando uma preocupação em analisar as finanças e um consumo consciente por parte da amostra. Para a pesquisa de Flores (2012), a maioria da amostra (71,7%) afirmou que nunca ou quase nunca compra por impulso, essa afirmativa obteve média 3,52 na amostra analisada pela autora, apresentando um melhor resultado do que o constatado nesse estudo.

Os resultados dessa análise foram relativamente satisfatórios. A maior parte da amostra (49,7%) apresentou nível médio de conhecimento sobre finanças pessoais, em seguida, os respondentes que apresentaram nível alto de conhecimento sobre finanças pessoais totalizaram 29,3% e os que apresentaram nível baixo de conhecimento representaram 20,9%.

4.4 Comportamento de risco

A quarta parte tratou de afirmações relacionadas ao comportamento de risco. A Tabela 6 apresenta as questões e suas estatísticas descritivas (média, mediana e desvio padrão).

Tabela 6. Comportamento de risco

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.	1,31	1	0,61
2. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências	1,95	2	1,02
3. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo	1,73	2	0,80
Total de respondentes (n) = 177			

Fonte: Dados da pesquisa

De forma geral, a amostra apresentou um baixo comportamento de risco. A afirmação com os resultados mais positivos foi “Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.” Apresentando média 1,31; mediana 1 e desvio padrão 0,61. Isso significa que os respondentes afirmaram majoritariamente que é muito improvável que tomem essa atitude. As outras duas afirmativas apresentaram média mais próxima de 2, o que significa que a maioria respondeu que é improvável que tomem as atitudes propostas nas afirmativas. Em comparação com o constatado por Flores (2012), a variação foi muito pequena, os resultados foram muito próximos dos constatados pela autora, a qual também apresentou resultados positivos para essa seção.

4.4 Endividamento.

A quinta e última parte do questionário abordou questões sobre endividamento. A Tabela 7 demonstra as questões e suas estatísticas descritivas (média, mediana e desvio padrão).

Tabela 7. Endividamento

Variáveis	Se é avessa ou tendente ao endividamento	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Não é certo gastar mais do que ganho	Avessa	4,40	5	0,89
2. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	Avessa	4,25	4	0,92
3. Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas	Tendente	3,93	4	1,01
Total de respondentes (n) = 177				

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados apresentados na tabela demonstram que os indivíduos apresentaram, de maneira geral, uma baixa tendência ao endividamento. A afirmativa “Não é certo gastar mais

do que ganho” apresentou os melhores resultados (média 4,40; mediana 5; desvio padrão 0,89), o que demonstra que os indivíduos responderam, em sua maioria, que concordam com essa afirmação. A análise demonstrou resultados satisfatórios para essa seção.

Para a pesquisa de Flores (2012), para a afirmativa “Não é certo gastar mais do que ganho”, a amostra apresentou uma média próxima da constatada nesse estudo (4,18), demonstrando que os indivíduos concordam com a afirmativa, em sua maioria. Além disso, com relação à questão “Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas” (média de 2,14), 72,5% dos respondentes discordam dessa afirmativa. Para a afirmativa “Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco”, os respondentes apresentaram média de 3,99, o que quer dizer que eles responderam, em sua maioria, concordo para essa questão. Em comparação aos resultados apresentados pela autora é possível perceber pouca variação e resultados positivos para a amostra analisada por ela e para a amostra analisada no presente estudo. No entanto, a amostra analisada no presente estudo apresentou melhores resultados para essa seção.

4.5 Relações entre as variáveis

Para atingir o objetivo geral da pesquisa, foram relacionados os resultados do nível de conhecimento financeiro dos indivíduos (alto, médio e baixo) com seu comportamento de risco e com sua propensão ao endividamento. A Tabela 8 apresenta os resultados da análise do nível de conhecimento financeiro com o comportamento de risco.

Tabela 8. Nível de educação financeira X Comportamento de risco

Nível alto de conhecimento financeiro (n = 52)			
Comportamento de risco	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.	1,23	1	0,64
2. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências	1,51	1	0,64
3. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo	1,71	1	0,87
Nível médio de conhecimento financeiro (n = 88)			
Comportamento de risco	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.	1,35	1	0,62
2. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências	2,04	1	1,02
3. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo	1,75	2	0,77
Nível baixo de conhecimento financeiro (n = 37)			

Comportamento de risco	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.	1,32	1	0,52
2. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências	2,40	2	1,27
3. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo	1,72	2	0,80

Fonte: Dados da pesquisa

Os indivíduos considerados com alto nível de conhecimento sobre finanças pessoais apresentaram um baixo comportamento de risco, respondendo majoritariamente entre “muito improvável” e “improvável” para as alternativas, demonstrando baixa tendência em se colocar numa situação de risco.

Os indivíduos de nível médio de conhecimento de finanças pessoais apresentaram médias um pouco maiores em relação aos de alto nível de conhecimento. No entanto, as médias ainda se aproximam de 1 (muito improvável) para a primeira afirmativa relacionada ao comportamento de risco, e de 2 (improvável) para as duas últimas afirmativas dessa variável, demonstrando também pouca tendência de se colocarem em situações de risco.

Os respondentes que possuem nível de conhecimento financeiro considerado baixo apresentaram média mais alta (2,40) para a afirmação “Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências”. Isso significa que eles responderam majoritariamente entre “improvável” e “indiferente” para a afirmativa, o que, ainda com a média um pouco mais elevada que a dos demais, não denota um comportamento tendente ao risco.

A Tabela 9 apresenta os resultados da relação entre nível de educação financeira e endividamento.

Tabela 9. Nível de educação financeira X Endividamento

Nível alto de conhecimento financeiro (n = 52)			
Endividamento	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Não é certo gastar mais do que ganho	4,50	5	0,87
2. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	4,50	5	0,80
3. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	4,17	4	0,85
Nível médio de conhecimento financeiro (n = 88)			
Endividamento	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Não é certo gastar mais do que ganho	4,34	5	0,92
2. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	4,28	4	0,85
3. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	3,81	4	1,06
Nível baixo de conhecimento financeiro (n = 37)			

Endividamento	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Não é certo gastar mais do que ganho	4,40	5	0,86
2. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	3,86	4	1,13
3. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	3,89	4	1,04

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação às afirmativas relacionadas ao endividamento dos respondentes, os indivíduos com nível de conhecimento financeiro considerado alto apresentaram baixa propensão ao endividamento. Para as duas primeiras afirmativas sobre a variável, eles obtiveram média 4,50, o que significa que responderam majoritariamente entre concordo e concordo muito, para as afirmações “Não é certo gastar mais do que ganho” e “Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco”. Para a afirmação “Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas”, eles apresentaram média 4,17, o que significa que responderam, em sua maioria, discordo para essa afirmativa. Os resultados para esse grupo foram satisfatórios.

Os indivíduos com nível médio de conhecimento financeiro apresentaram resultados ligeiramente mais baixos que os de alto nível de conhecimento financeiro, para as afirmações relacionadas ao endividamento. No entanto, eles ainda foram satisfatórios. A questão que apresentou menor média foi a afirmativa “Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas”, que apresentou média de 3,81, o que significa que os indivíduos responderam majoritariamente entre indiferente e discordo.

Por fim, os respondentes considerados com baixo nível de conhecimento sobre finanças pessoais apresentaram pouca variação entre os demais, apresentando a menor média para a afirmação “Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco”, a qual foi de 3,86, ou seja, responderam majoritariamente concordo para essa afirmativa. Os resultados das outras duas afirmativas variaram pouco com relação aos dos demais. De forma geral, os indivíduos apresentaram pouca propensão ao endividamento. As variações foram singelas. Entretanto, os indivíduos com maior nível de conhecimento financeiro ainda apresentaram os melhores resultados, conforme esperado.

Para atingir o objetivo específico do trabalho, foram relacionadas a variável nível de escolaridade e nível de educação financeira. A Tabela 10 apresenta os resultados da análise.

Tabela 10. Nível de escolaridade X educação financeira

Nível alto de conhecimento financeiro (n = 52)		
Nível de escolaridade	Frequência	Percentual

Superior incompleto	28	53,8%
Superior completo	24	46,1%
Nível médio de conhecimento financeiro (n = 88)		
Nível de escolaridade	Frequência	Percentual
Superior incompleto	59	67,0%
Superior completo	29	33,0%
Nível baixo de conhecimento financeiro (n = 37)		
Nível de escolaridade	Frequência	Percentual
Superior incompleto	27	72,3%
Superior completo	10	27,0%

Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar os resultados da Tabela 10, é possível verificar que os indivíduos que possuem nível superior incompleto foram maioria entre os três níveis de conhecimento financeiro analisados. No entanto, esse resultado ocorreu provavelmente porque os indivíduos com ensino superior incompleto são maioria na amostra analisada. Apesar desse viés, é possível afirmar que os indivíduos com nível superior completo se concentram mais entre os respondentes que possuem alto e médio nível de conhecimento financeiro do que na faixa de baixo nível de conhecimento financeiro. Desta forma, é possível notar uma relação diretamente proporcional entre as variáveis nível de escolaridade e nível de educação financeira para a amostra analisada, o que corrobora com o concluído no INDEF, e vai contra o afirmado por Costa e Miranda (2013).

Ainda de acordo com o estudo de Costa e Miranda (2013), os homens poupam mais do que as mulheres. No presente estudo, as questões sobre poupança estão inseridas na seção do questionário relacionada à educação financeira. Portanto, os dados das variáveis sexo e nível de educação financeira foram cruzados. Os resultados dessa análise mostraram que os homens foram maioria entre os indivíduos com alto e médio níveis de conhecimento financeiro, representando 51,0% e 52,2% desse total, respectivamente. Enquanto as mulheres foram maioria entre os indivíduos com baixo nível de educação financeira, representando 64,8% desse total. Os resultados para essa amostra vão de acordo com o afirmado pelos autores.

Para a amostra analisada, foi verificado que os indivíduos que possuem renda superior a 10 salários mínimos têm uma baixa tendência ao endividamento. Eles mostraram médias positivas para todas as 3 afirmações relacionadas ao endividamento. No entanto, para os indivíduos com renda inferior a 10 salários mínimos, as médias para a variável endividamento. Apesar de um pouco inferiores aos de renda superior a 10 salários, também apresentaram resultados satisfatórios. Portanto, para a amostra analisada não é possível confirmar o que foi

verificado na PEIC (2017), que afirmou que na amostra analisada por eles os respondentes com renda inferior a 10 salários mínimos apresentaram maior endividamento.

Segundo Mendes da Silva, Nakamura e Moraes (2012), o acesso facilitado ao crédito favorece uma utilização pouco responsável desse, sendo que o número de cartões de crédito que um jovem possui tem influência direta no seu comportamento de risco. Para analisar se a amostra verificada nesse estudo segue o padrão demonstrado pelos autores, foram cruzadas as variáveis faixa etária e número de cartões de crédito, número de cartões de crédito e comportamento de risco, e faixa etária e nível de endividamento.

Os respondentes que se encontram na faixa etária entre 18 a 25 anos representaram 96,4% do total de indivíduos que utilizam apenas 1 cartão de crédito, e os indivíduos até 17 anos representam o restante (3,6%) desse mesmo total. Além disso, os indivíduos da faixa etária entre 18 e 25 anos representam 100% do total de indivíduos que utilizam 2 cartões de crédito e 100% do total de indivíduos que utilizam acima de 2 cartões de crédito. Enquanto que os indivíduos de 26 a 30 anos representam 60% do total da amostra que não usa cartão, os de 30 a 35 anos 22,8% desse mesmo total e os acima de 35 anos 8,5% desse mesmo total. De acordo com esses resultados é possível perceber que, na amostra analisada, os respondentes mais novos apresentaram um maior uso do crédito, enquanto que os mais velhos afirmaram que não fazem uso dessa linha de crédito.

Ao cruzar as variáveis número de cartões de crédito e comportamento de risco, constatou-se que não houve variações bruscas entre as diferentes faixas de números de cartão de crédito. Os resultados da análise ainda se mostraram satisfatórios mesmo para indivíduos que utilizam mais de 2 cartões de crédito. É possível fazer um destaque para a afirmação “Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências”, que apresentou sua maior média (2,53) para indivíduos que utilizam mais de 2 cartões de crédito, o que significa que a maior parte dessas pessoas responderam que estavam incertos quanto a essa afirmação. Mesmo assim, os resultados não variaram bruscamente e foram positivos pra amostra em geral.

No cruzamento das variáveis faixa etária e endividamento, mais uma vez, não é possível verificar grandes variações, portanto, não se pode afirmar que para esta amostra os indivíduos mais novos possuem um comportamento mais tendente ao endividamento, conforme o afirmado pelos autores Mendes da Silva, Nakamura e Moraes (2012) e por Gathergood (2012). Os resultados para todas as faixas etárias apresentaram médias satisfatórias. A análise para a amostra pode ter sido enviesada pela baixa variedade de respondentes em faixas etárias diferentes. Desta forma, não é possível afirmar que o comportamento da amostra se estende ao do resto da população.

Por fim, foi feita uma análise estatística entre os indicadores e variáveis adotados no estudo. Foi realizada uma análise de variância (ANOVA) fator único, sem repetição, correlacionando os indicadores de educação financeira, comportamento de risco e endividamento, com as variáveis faixa etária, sexo, renda e escolaridade ao nível de significância de 95% ($p < 0,05$).

Tabela 11. Avaliação de diferença estatisticamente significativa

Variáveis	Frequência na amostra	Frequência na amostra (%)	Média ± DP		
			Educação Financeira	Comportamento de Risco	Endividamento
Idade					
< 17 Anos (n = 177)	2	1,1%	Média: 2,95* Desvio padrão: 1,04*	Média: 1,16 Desvio padrão: 0,40	Média: 4,66 Desvio padrão: 0,51
≥ 18 anos ≤ 25 Anos (n = 177)	142	80,2%	Média: 3,05 Desvio padrão: 1,12	Média: 1,66* Desvio padrão: 0,88*	Média: 4,19* Desvio padrão: 0,96*
≥ 26 Anos ≤ 30 anos (n = 177)	21	11,9%	Média: 3,20 Desvio padrão: 1,41	Média: 1,74 Desvio padrão: 0,87	Média: 4,01 Desvio padrão: 1,07
≥ 31 anos ≤ 35 Anos (n = 177)	9	5,1%	Média: 3,15* Desvio padrão: 1,24*	Média: 1,66 Desvio padrão: 0,76	Média: 4,33 Desvio padrão: 0,76
> 36 anos (n = 177)	3	1,7%	Média: 2,8 Desvio padrão: 1,35	Média: 1,77 Desvio padrão: 1,09	Média: 4,77 Desvio padrão: 0,44
Sexo					
MASCULINO (n = 177)	86	48,6%	Média: 3,04 Desvio padrão: 1,11	Média: 1,62* Desvio padrão: 0,84*	Média: 4,26 Desvio padrão: 0,90
FEMININO (n = 177)	91	51,4%	Média: 3,07 Desvio padrão: 1,13	Média: 1,71* Desvio padrão: 0,91*	Média: 4,13* Desvio padrão: 1,01*
Escolaridade					
Superior Incompleto (n = 177)	114	64,4%	Média: 3,04 Desvio padrão: 1,10	Média: 1,63* Desvio padrão: 0,86*	Média: 4,20* Desvio padrão: 0,93*
Superior Completo (n = 177)	63	35,6%	Média: 3,08 Desvio padrão: 1,16	Média: 1,73* Desvio padrão: 0,89*	Média: 4,17* Desvio padrão: 1,02*
Renda					
Sem renda própria (Considerando n = 177)	56	31,6%	Média: 3,01 Desvio padrão: 1,36	Média: 1,55* Desvio padrão: 0,78*	Média: 4,14 Desvio padrão: 1,00
Até 1 salário (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	29	23,9%	Média: 3,10 Desvio padrão: 1,17	Média: 1,74* Desvio padrão: 0,96*	Média: 4,48* Desvio padrão: 0,66*

De 1 a 5 salários (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	64	52,8%	Média: 3,03 Desvio padrão: 1,10	Média: 1,73* Desvio padrão: 0,93*	Média: 4,07* Desvio padrão: 1,04*
De 5 a 10 salários (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	19	15,7%	Média: 3,21 Desvio padrão: 1,20	Média: 1,67 Desvio padrão: 0,87	Média: 4,22 Desvio padrão: 1,01
Acima de 10 salários (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	9	7,4%	Média: 3,06* Desvio padrão: 1,12*	Média: 1,74 Desvio padrão: 0,86	Média: 4,37* Desvio padrão: 0,71*

Valores sobrescritos com * apresentaram diferença estatística entre as respostas apresentadas pelos indivíduos avaliados no mesmo grupo, ao nível de confiabilidade de 95% ($p < 0,05$).

Para a variável faixa etária, correlacionando-a com a variável educação financeira, as melhores médias foram para as faixa etárias de 26 a 30 anos, que apresentaram média e desvio-padrão de 3,20 e 1,4, respectivamente. Os indivíduos de até 17 anos e os indivíduos de 31 a 35 anos apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas para essa variável, o que significa que não foi detectada homogeneidade nesse contexto. Correlacionando a variável faixa etária com o comportamento de risco, a melhor média foi a de indivíduos de até 17 anos, os quais apresentaram média e desvio-padrão de 1,16 e 0,40, respectivamente. Para o comportamento de risco, não foi detectável homogeneidade nas respostas dos indivíduos de 18 a 25 anos, os quais apresentaram diferença estatisticamente significativa. Por fim, para o endividamento, os indivíduos acima de 36 anos apresentaram média e desvio-padrão de 4,77 e 0,44, respectivamente. Nesse contexto, os respondentes de 18 a 25 anos apresentaram diferenças estatisticamente significativas para as médias de respostas, o que denota que não é possível afirmar que tal comportamento estende-se a todos os respondentes desta faixa etária.

Para a variável sexo, as mulheres apresentaram melhor média em educação financeira do que os homens, com média e desvio padrão de 3,07 e 1,13, respectivamente. Correlacionando com o comportamento de risco, a melhor média foi dos homens, apresentando média 1,62 e desvio padrão de 0,84. Houve diferença estatisticamente significativa para os dois sexos, o que impossibilita a detecção de homogeneidade para essa variável. Para o endividamento, as mulheres apresentaram melhor média, tendo como média e desvio-padrão os valores de 4,13 e 1,01, respectivamente. No entanto, elas também apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas. É importante ressaltar que essa análise estatística considerou todas as respostas para o cálculo da média e do desvio padrão para a

educação financeira. Diferentemente da análise feita para esse indicador anteriormente, a qual mensurou o nível de educação financeira dos respondentes, e para que isso fosse possível, as respostas “não se aplica” foram desconsideradas. É devido a esse fator que o resultado para a variável sexo foi diferente nas duas análises, quando relacionada com a educação financeira.

Com relação ao nível de escolaridade, a melhor média para a educação financeira foi apresentada pelos indivíduos com nível superior completo, sendo a média e o desvio padrão desses 3,08 e 1,16, respectivamente. Para o comportamento de risco, o melhor resultado foi para os indivíduos com nível superior incompleto, sendo a média e o desvio-padrão de 1,63 e 0,86, respectivamente. Ambos os grupos, superior completo e incompleto, apresentaram também diferença estatisticamente significativa para suas respostas. Com relação ao endividamento, a melhor média foi para os indivíduos com nível superior incompleto, que apresentaram média e desvio-padrão de 4,20 e 0,93, respectivamente, para essa variável. Novamente, ambos os grupos apresentaram diferença estatisticamente significativa.

Por fim, para a variável renda, os melhores resultados foram para os indivíduos com renda de 5 a 10 salários mínimos, os quais apresentaram média e desvio-padrão de 3,21 e 1,20, respectivamente. No contexto de educação financeira, os indivíduos com renda acima de 10 salários mínimos apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas. Para o comportamento de risco, os melhores resultados foram para os indivíduos sem renda própria, os quais apresentaram média e desvio-padrão de 1,55 e 0,78, respectivamente. No entanto, os indivíduos sem renda própria, os com renda até 1 salário mínimo e os com renda entre 1 e 5 salários mínimos apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas, não sendo detectável homogeneidade para suas respostas. Para o endividamento, os melhores resultados foram para os indivíduos com renda até 1 salário mínimo, os quais apresentaram média e desvio padrão de 4,48 e 0,66, respectivamente. Nesse contexto, os indivíduos com renda até 1 salário mínimo, com renda de 1 a 5 salários mínimos e com renda acima de 10 salários mínimos apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral avaliar a relação entre o conhecimento financeiro e o comportamento financeiro de discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da UnB. Como objetivo específico, foi proposto avaliar se as variáveis escolaridade e nível de educação financeira estão relacionadas.

A partir da aplicação de um questionário adaptado do modelo validado de Flores (2012), buscou-se traçar o perfil dos respondentes, seu nível de utilização de cartão de crédito, seu perfil de gasto, seu nível de educação financeira, seu comportamento de risco e sua propensão ao endividamento.

Com os resultados obtidos foi possível concluir, primeiramente, que a maior parte da amostra concentra-se em indivíduos classificados com médio e alto nível de conhecimento financeiro, o que corrobora com o esperado, por se tratarem de indivíduos que possuem contato com termos e conceitos financeiros devido às suas áreas de formação acadêmica. Com relação ao objetivo geral da pesquisa, os resultados do cruzamento das variáveis nível de educação financeira e comportamento de risco, e nível de educação financeira e endividamento foram satisfatórios de forma geral, apresentando poucas variações entre os 3 níveis de educação financeira (alto, médio e baixo). Entretanto, os melhores resultados ainda se concentraram em indivíduos que possuem nível de conhecimento financeiro mais alto, o que nos leva a concluir que existe uma influência positiva da educação financeira no comportamento de risco e no endividamento da amostra analisada, ou seja, de fato, os indivíduos que apresentam maior nível de conhecimento financeiro apresentaram um melhor comportamento financeiro.

Para a análise que viabilizou o atingimento dos objetivos específicos, os indivíduos com nível superior incompleto foram maioria em todos os 3 níveis de educação financeira analisados. No entanto, ainda foi possível concluir que os indivíduos com nível superior completo se concentraram entre os considerados com alto e médio nível de conhecimento financeiro. Tal constatação nos leva a concluir que existe, de fato, uma relação positiva entre a escolaridade e o nível de educação financeira para a amostra analisada.

Esses dados não foram de acordo com o que foi concluído por Costa e Miranda (2013). Os autores rejeitaram a hipótese de que existe uma influência do nível de escolaridade no nível de poupança dos indivíduos. A relação entre o sexo e a educação financeira ficou evidente na amostra. Apesar de serem minoria na amostra, os homens representaram a maioria entre os indivíduos que possuem alto nível de conhecimento financeiro. Portanto, foi possível relacionar

esse dado com o que foi concluído por Costa e Miranda (2013), de que os homens possuem maior tendência a poupar.

A principal limitação da pesquisa resulta da concentração dos elementos da amostra em determinados grupos, como, por exemplo, a alta concentração da amostra em indivíduos que possuem nível de escolaridade superior incompleto. Uma outra limitação do estudo foi o fato de que não é possível garantir com certeza absoluta que os respondentes são discentes e egressos dos 3 cursos analisados, por não haver identificação do respondente e pela coleta ter sido feita pela internet.

Esta pesquisa buscou ir além de seus objetivos geral e específico. Este estudo foi realizado com o intuito de evidenciar a importância da educação financeira de um indivíduo para sua vida. Apesar da limitação já apresentada, essa relação foi demonstrada através dos dados coletados na pesquisa, e vai de acordo com o esperado. Esse dado mostra que investir em educação financeira para a população é uma possível saída para o controle de situações recorrentes no Brasil, como os altos níveis de endividamento e inadimplência apresentados pela população.

Como sugestão de pesquisa, recomenda-se fazer esse estudo para amostras maiores e mais variadas, comparando indivíduos de áreas de conhecimentos diferentes, como por exemplo, abordar uma amostra dividida em discentes e egressos de cursos não relacionados com economia e mercado financeiro, e em discentes e egressos de cursos relacionados com essas áreas. Isso, provavelmente proporcionaria uma diferença maior entre os níveis de educação financeira da amostra, e, conseqüentemente, evidenciaria mais a influência dela no comportamento financeiro dos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIELY, D. **Previsivelmente irracional - Como as situações do dia a dia influenciam as nossas decisões**. 7. ed. São Paulo: ELSEVIER, 2008.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Caderno de Educação Financeira Gestão de Finanças Pessoais. **Cidadania Financeira - Banco Central do Brasil**, v. 1, n. 1, p. 72, 2013.
- BRASIL. **Lei Nº 9.394**BrasilD.O. DE 23/12/1996, , 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>
- C.N.C. - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO. **O perfil do endividamento das famílias brasileiras**. [s.l: s.n.]. v. 1
- CAUCHON, D. Student loans outstanding will exceed \$1 trillion this year. **Usa Today**. **Usa Today**, 2011.
- COSTA, C. M.; MIRANDA, C. J. DE. Educação Financeira e Taxa de Poupança no Brasil. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 3, n. 3, p. 57–74, 2013.
- FLORES, S. A. M. Modelagem de Equações Estruturais Aplicada à Propensão ao Endividamento: Uma Análise de Fatores Comportamentais. **Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós Graduação em Administração**, v. 1, n. 1, p. 192, 2012.
- FRADE, C. *et al.* Um perfil dos sobreendividados em Portugal. **Centro de Estudos Sociais**, v. 1, n. 12, p. 54, 2008.
- GATHERGOOD, J. Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 3, p. 590–602, 2012.
- IBGE. **PIB cresceu 3,2% e foi de R\$ 2,1 trilhões em 2005**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=1016&t=pib-cresceu-3-2-foi-r-1-trilhoes-2005&view=noticia>>.
- _____. **Censo 2010: escolaridade e rendimento aumentam e cai mortalidade infantil**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2125&busca=&t=censo-2010-escolaridade-rendimento-aumentam-cai-mortalidade-infantil>>.
- _____. **Agência IBGE notícias**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam- apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>>.
- IPEA. A evolução do crédito no Brasil entre 2003 e 2010. **Evolução do crédito no Brasil entre 2003 e 2010**, v. 1, n. 1, p. 66, 2015.
- MACEDO, J. S. J.; KOLINSKY, R.; MORAIS, J. C. J. **Finanças Comportamentais - Como**

o desejo, o poder, o dinheiro e as pessoas influenciam nas nossas decisões. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, G. DE A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATTA, R. O. B. Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal. **Dissertação de mestrado - Universidade de Brasília**, v. 1, n. 1, p. 214, 2007.

MCCRACKEN, G. Cultura e Consumo: Uma Explicação Teórica da Estrutura e do Movimento do Significado Cultural dos Bens de Consumo. **Rae**, v. 47, n. 1, p. 99–115, 2007.

MENDES-DA-SILVA, W.; NAKAMURA, W. T.; MORAES, D. C. Credit Card Risk Behavior on College Campuses: Evidence from Brazil. **Brazilian Administration Review**, v. 9, n. 3, p. 351–373, 2012.

MOSCA, A. **Finanças Comportamentais - Gerencie suas emoções e alcance sucesso nos investimentos.** 1. ed. Rio de Janeiro: ELSEVIER, 2009.

NELLIE MAE. Undergraduate Students and Credit Cards in 2004: An Analysis of Usage Rates and Trends. v. 1, n. May, p. 1–15, 2005.

OCDE. Improving financial education effectiveness through behavioural economics. **Financial literacy and education**, v. 1, n. 6, p. 72, 2013.

ROCA, R. S. “Dinheiro vivo”. Money and religion in Brazil. **Goldsmith’s College**, v. 1, n. 1, p. 1–33, 2007.

SERASA EXPERIAN. **Inadimplência cresce no país. Como manter sua empresa protegida?** Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/amplie-seus-conhecimentos/blog/inadimplencia-cresce-no-pais-como-manter-sua-empresa-protegida>>.

_____. **Brasileiros comprometem boa parte da renda com dívidas. Você sabe o que isso representa?** Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/amplie-seus-conhecimentos/blog/brasileiros-comprometem-boa-parte-da-renda-com-dividas>>.

_____. **Mesmo com crise econômica e política, educação financeira do brasileiro fica estável em dois anos.** Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/mesmo-com-crise-economica-e-politica-educacao-financiera-do-brasileiro-fica-estavel-em-dois-anos-revela-serasa>>.

SILVA, G. DE O. *et al.* Alfabetização Financeira Versus Educação Financeira: Um Estudo do Comportamento de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 7, n. 7, p. 279–298, 2017.

SILVA, P. R. Psicologia do Risco de Crédito: Análise da contribuição de variáveis psicológicas

em modelos de credit scoring. **Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo**, v. 1, n. 1, p. 244, 2011.

VIEIRA, K. M.; FLORES, S. A. M.; CAMPARA, J. P. Propensão ao Endividamento no Município de Santa Maria (RS): verificando diferenças em variáveis demográficas e culturais. **TPA - Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 2, p. 180–205, 2014.

WORTHY, S. L.; JONKMAN, J.; BLINN-PIKE, L. Sensation-Seeking, Risk-Taking, and Problematic Financial Behaviors of College Students. **Journal of Family & Economic Issues**, v. 31, n. 2, p. 161–170, 2010.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas (FACE)
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (CCA)

Título do estudo: Influência da educação financeira no comportamento financeiro: um estudo com discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da Universidade de Brasília

Pesquisadores responsáveis: Marília Cerqueira Soares Martins Souto e Ducineli Régis Botelho

Instituição/Departamento: Universidade de Brasília – Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas – Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais

Local de coleta de dados: Brasília – DF

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Influência da educação financeira no comportamento financeiro: um estudo com discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração da Universidade de Brasília”, a pesquisa se trata do Trabalho de Conclusão de Curso da discente Marília Cerqueira Soares Martins Souto, sob a responsabilidade da pesquisadora Prof.^a Dr.^a Ducineli Régis Botelho do CCA/UnB.

Neste estudo, buscou-se identificar as relações existentes entre o conhecimento financeiro que discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Administração possuem e seus respectivos comportamentos financeiros.

Na sua participação, você deverá responder o questionário a seguir. Em nenhum momento você será identificado. Para responder a pesquisa você levará aproximadamente 10 minutos, e não terá nenhum custo financeiro.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com:

Ducineli Régis Botelho - ducineli@unb.br

Marília Cerqueira S. M. Souto – mariliasouto.unb@gmail.com

Sua participação nesta pesquisa é de extrema importância. Agradecemos sua colaboração.

Apêndice B – Instrumento de Coleta de Dados

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas
(FACE)
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (CCA)

1 Idade

- Até 17 anos
- De 18 a 25 anos
- De 26 a 30 anos
- De 30 a 35 anos
- Acima de 35 anos

2 Sexo

- Masculino
- Feminino

3 Nível de escolaridade (somente se vinculado aos cursos de ciências contábeis, ciências econômicas e administração na UnB)

- Superior completo
- Superior incompleto

4 Curso de formação

- Ciências Contábeis
- Ciências Econômicas
- Administração

5 Caso seja graduando, qual é a sua posição (semestre) no fluxo do curso?

- 1º
- 2º
- 3º
- 4º
- 5º
- 6º
- 7º
- 8º
- 9º
- 10º

6 Você possui renda?

- Sim
- Não

6.1 Se sim, em qual faixa de renda você se encaixa?

- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 5 salários mínimos

- () De 5 a 10 salários mínimos
 () Acima de 10 salários mínimos

6.2 Se não, qual tipo de renda você utiliza?

- () Pais/Responsáveis
 () Cônjuge/Companheiro
 () Outros

7 Quantos cartões de crédito você utiliza?

- () 1 cartão
 () 2 cartões
 () Mais de 2 cartões
 () Não utilizo cartão de crédito

8 Com relação aos seus gastos, você diria que:

- () Gasto mais do que ganho
 () Gasto igual ao que ganho
 () Gasto menos do que ganho

Marque um “x” conforme o seu comportamento e modo de pensar, de acordo com a escala ao lado:	Nunca	Quase Nunca	Quase Sempre	Sempre	Não se aplica
9. Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro.					
10. Anota e controla os seus gastos pessoais (ex: planilha de receitas e despesas mensais, caderno de anotações financeiras, etc).					
11. Paga suas contas sem atraso.					
12. Tem utilizado cartões de crédito bancário automático (ex: cheque especial) por não possuir dinheiro disponível para as despesas.					
13. Mais de 10% da renda que você recebe no mês seguinte está comprometida com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro).					
14. Paga integralmente a fatura do(s) seu(s) cartão(ões) de crédito a fim de evitar encargos financeiros (juros e multas).					
15. Poupa mensalmente.					

16. Poupa visando a compra de um produto mais caro (ex: carro, apartamento).					
17. Possui uma reserva financeira que seja maior ou igual a 3 vezes a sua renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex: desemprego, doença).					
18. Analisa suas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra.					
19. Prefere comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo a vista					
20. Compra por impulso.					

Marque com um "x" a probabilidade de você realizar:	Muito Improvável	Improvável	Incerto	Provável	Muito Provável
21. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.					
22. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências.					
23. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo.					

Marque um "x" conforme o seu comportamento e modo de pensar, de acordo com a escala ao lado:	Discordo Muito	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo Muito
24. Não é certo gastar mais do que ganho.					
25. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco.					
26. Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas.					

Apêndice C – ANOVA (Análise de variância)

ANOVA – Idade até
17 anos X Educação
financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	3,115385	1	3,115385	15,67742	0,001895	4,747225
Colunas	26,53846	12	2,211538	11,12903	0,000101	2,686637
Erro	2,384615	12	0,198718			
Total	32,03846	25				

ANOVA Idade entre
18 e 25 anos X
Educação financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	456,2582	142	3,213086	3,897098	4,08E-4	1,213614
Colunas	452,6218	12	37,71849	45,74813	1,53E-94	1,757846
Erro	1404,917	1704	0,824482			
Total	2313,797	1858				

ANOVA Idade entre
26 e 30 anos X
Educação financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	73,47985	20	3,673993	4,13239	4,66E-08	1,614488
Colunas	41,2381	12	3,436508	3,865275	2,03E-05	1,792674
Erro	213,3773	240	0,889072			
Total	328,0952	272				

ANOVA Idade entre
31 e 35 anos X
Educação financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	23,52885	7	3,361264	3,52509	0,002292	2,120633
Colunas	36,21154	12	3,017628	3,164706	0,000929	1,869289
Erro	80,09615	84	0,953526			
Total	139,8365	103				

ANOVA Idade acima
de 35 anos X Educação
financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	5,74359	2	2,871795	3,294118	0,054435	3,402826
Colunas	24,92308	12	2,076923	2,382353	0,033931	2,18338
Erro	20,92308	24	0,871795			
Total	51,58974	38				

ANOVA Idade até 17
anos X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	0,125	1	0,125	1	0,391002	10,12796
Colunas	0,375	3	0,125	1	0,5	9,276628
Erro	0,375	3	0,125			
Total	0,875	7				

ANOVA Idade entre
18 e 25 anos X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	109,7483	142	0,772875	1,731465	1,37E-05	1,244357
Colunas	47,84615	3	15,94872	35,72977	1,29E-20	2,625846
Erro	190,1538	426	0,446371			
Total	347,7483	571				

ANOVA Idade entre
26 e 30 anos X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	15,45238	20	0,772619	1,576518	0,089636	1,747984
Colunas	27,84524	3	9,281746	18,93927	9,25E-09	2,758078
Erro	29,40476	60	0,490079			

Total	72,70238	83
-------	----------	----

ANOVA Idade entre
31 e 35 anos X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	2	7	0,285714	0,774194	0,615435	2,487578
Colunas	36,25	3	12,08333	32,74194	4,18E-08	3,072467
Erro	7,75	21	0,369048			
Total	46	31				

ANOVA Idade acima
de 35 anos X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	1,166667	2	0,583333	0,84	0,476837	5,143253
Colunas	27,58333	3	9,194444	13,24	0,004694	4,757063
Erro	4,166667	6	0,694444			
Total	32,91667	11				

ANOVA Idade até 17
anos X Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	0	1	0	65535	#DIV/0!	10,12796
Colunas	21,5	3	7,166667	65535	#DIV/0!	9,276628
Erro	0	3	0			
Total	21,5	7				

ANOVA Idade entre
18 e 25 anos X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	123,6189	142	0,870556	1,404816	0,005115	1,244357
Colunas	530,7605	3	176,9202	285,4962	1,5E-101	2,625846
Erro	263,9895	426	0,619694			

Total	918,3689	571
-------	----------	-----

ANOVA Idade entre
26 e 30 anos X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	22,7381	20	1,136905	1,619559	0,077601	1,747984
Colunas	22,38095	3	7,460317	10,62747	1,06E-05	2,758078
Erro	42,11905	60	0,701984			
Total	87,2381	83				

ANOVA Idade entre
31 e 35 anos X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	4	7	0,571429	1,777778	0,145124	2,487578
Colunas	3,25	3	1,083333	3,37037	0,037739	3,072467
Erro	6,75	21	0,321429			
Total	14	31				

ANOVA Idade acima
de 35 anos X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	0,666667	2	0,333333	3	0,125	5,143253
Colunas	0,333333	3	0,111111	1	0,454725	4,757063
Erro	0,666667	6	0,111111			
Total	1,666667	11				

ANOVA Sexo
masculino X Educação
financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	282,7165	85	3,326076	4,169991	2,45E-28	1,280004
Colunas	528,7335	12	44,06112	55,24062	3,6E-102	1,761657
Erro	813,5742	1020	0,797622			
Total	1625,024	1117				

ANOVA Sexo
feminino X Educação
financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
					2,85E-	
Linhas	284,9586	90	3,166206	3,664295	24	1,271644
Colunas	286,8047	12	23,90039	27,66026	55	1,761129
Erro	933,1953	1080	0,86407			
Total	1504,959	1182				

ANOVA Sexo masculino
X Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	56,5814	85	0,665663	1,538251	0,005557	1,323483
Colunas	40,65116	3	13,55039	31,31296	2,88E-17	2,640001
Erro	110,3488	255	0,432741			
Total	207,5814	343				

ANOVA Sexo
feminino X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	72,46154	90	0,805128	1,684148	0,000751	1,313431
Colunas	29,17308	3	9,724359	20,34118	6,48E-12	2,638036
Erro	129,0769	270	0,478063			
Total	230,7115	363				

ANOVA Sexo
masculino X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	63,40988	85	0,745999	1,297595	0,063163	1,323483
Colunas	691,1483	3	230,3828	400,7292	3,55E-96	2,640001
Erro	146,6017	255	0,574909			
Total	901,1599	343				

ANOVA Sexo
feminino X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	90,93956	90	1,01044	1,651302	0,001139	1,313431
Colunas	333,2857	3	111,0952	181,5564	1,92E-64	2,638036
Erro	165,2143	270	0,611905			
Total	589,4396	363				

ANOVA Escolaridade
Superior incompleto X
Educação Financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	332,2787	113	2,940519	3,597853	5,05E-29	1,240864
Colunas	684,9744	12	57,0812	69,84133	2E-132	1,759304
Erro	1108,256	1356	0,817298			
Total	2125,509	1481				

ANOVA Escolaridade
Superior completo X
Educação Financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	235,3065	62	3,795266	4,38852	6,43E-23	1,33129
Colunas	206,2686	12	17,18905	19,87595	6,47E-38	1,765182
Erro	643,4237	744	0,864817			
Total	1084,999	818				

ANOVA Escolaridade
Superior incompleto X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	82,7807	113	0,732573	1,669182	0,000242	1,276643
Colunas	60,2193	3	20,0731	45,73698	7,63E-25	2,631252
Erro	148,7807	339	0,438881			
Total	291,7807	455				

ANOVA Escolaridade
Superior completo X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	46,42857	62	0,748848	1,537585	0,014841	1,385709
Colunas	17,6627	3	5,887566	12,08875	2,89E-07	2,653165
Erro	90,5873	186	0,487029			
Total	154,6786	251				

ANOVA Escolaridade
Superior incompleto X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	90,69518	113	0,802612	1,33918	0,024479	1,276643
Colunas	886,0768	3	295,3589	492,8143	3,3E-123	2,631252
Erro	203,1732	339	0,599331			
Total	1179,945	455				

ANOVA Escolaridade
Superior completo X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	65,4127	62	1,055044	1,773999	0,001786	1,385709
Colunas	242,381	3	80,79365	135,8502	1,23E-46	2,653165
Erro	110,619	186	0,594726			
Total	418,4127	251				

ANOVA Indivíduos
sem renda própria X
Educação financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	197,8118	55	3,596578	4,163737	5,03E-19	1,353281
Colunas	590,3626	12	49,19689	56,95493	1,61E-93	1,766841
Erro	570,0989	660	0,863786			
Total	1358,273	727				

ANOVA Indivíduos
com renda de até 1
salário mínimo X
Educação financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	83,06101	28	2,966465	4,240025	6,46E-11	1,509949
Colunas	197,6923	12	16,47436	23,54712	7,45E-38	1,78105
Erro	235,0769	336	0,699634			
Total	515,8302	376				

ANOVA Indivíduos
com renda entre 1 e 5
salários mínimos X
Educação financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	178,6106	63	2,835089	3,453591	5,66E-16	1,328465
Colunas	205,3918	12	17,11599	20,85001	7,72E-40	1,764975
Erro	620,6082	756	0,82091			
Total	1004,611	831				

ANOVA Indivíduos
com renda entre 5 e 10
salários mínimos X
Educação financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	81,4413	18	4,524516	4,602326	1,61E-08	1,651798
Colunas	38,88259	12	3,240216	3,295939	0,000212	1,797205
Erro	212,3482	216	0,983093			
Total	332,6721	246				

ANOVA Indivíduos
com renda acima de 10
salários mínimos X
Educação financeira

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	20,11966	8	2,514957	2,608792	0,012582	2,036319

Colunas	29,1453	12	2,428775	2,519394	0,006317	1,854409
Erro	92,54701	96	0,964031			
Total	141,812	116				

ANOVA Indivíduos
sem renda própria X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	29,05357	55	0,528247	1,466206	0,034171	1,412694
Colunas	115,0536	3	38,35119	106,4479	2,19E-38	2,659384
Erro	59,44643	165	0,360281			
Total	203,5536	223				

ANOVA Indivíduos
com renda de até 1
salário mínimo X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	26,18966	28	0,935345	1,613097	0,04941	1,610415
Colunas	15,7931	3	5,264368	9,078938	2,85E-05	2,713227
Erro	48,7069	84	0,579844			
Total	90,68966	115				

ANOVA Indivíduos
com renda entre 1 e 5
salários mínimos X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	58,9375	63	0,935516	2,070252	8,68E-05	1,382255
Colunas	23,09375	3	7,697917	17,03513	7,79E-10	2,65239
Erro	85,40625	189	0,451885			
Total	167,4375	255				

ANOVA Indivíduos
com renda entre 5 e 10
salários mínimos X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	10,5	18	0,583333	1,067797	0,407318	1,798236
Colunas	28	3	9,333333	17,08475	6,31E-08	2,775762
Erro	29,5	54	0,546296			
Total	68	75				

ANOVA Indivíduos
com renda acima de 10
salários mínimos X
Comportamento de
risco

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	2,888889	8	0,361111	0,795918	0,611683	2,355081
Colunas	39,86111	3	13,28704	29,28571	3,43E-08	3,008787
Erro	10,88889	24	0,453704			
Total	53,63889	35				

ANOVA Indivíduos
sem renda própria X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	44,5	55	0,809091	1,111838	0,301129	1,412694
Colunas	729,9286	3	243,3095	334,3516	7,19E-70	2,659384
Erro	120,0714	165	0,727706			
Total	894,5	223				

ANOVA Indivíduos
com renda de até 1
salário mínimo X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	15,13793	28	0,54064	1,905933	0,012792	1,610415
Colunas	261,1724	3	87,05747	306,9059	3,83E-45	2,713227
Erro	23,82759	84	0,283662			
Total	300,1379	115				

ANOVA Indivíduos
com renda entre 1 e 5
salários mínimos X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	62,52734	63	0,992498	1,578548	0,009973	1,382255
Colunas	226,918	3	75,63932	120,3029	1,32E-43	2,65239
Erro	118,832	189	0,628741			
Total	408,2773	255				

ANOVA Indivíduos
com renda entre 5 e 10
salários mínimos X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	21,42105	18	1,190058	1,638926	0,082757	1,798236
Colunas	26,78947	3	8,929825	12,29799	3,04E-06	2,775762
Erro	39,21053	54	0,726121			
Total	87,42105	75				

ANOVA Indivíduos
com renda acima de 10
salários mínimos X
Endividamento

<i>Fonte da variação</i>	<i>SQ</i>	<i>gl</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor-P</i>	<i>F crítico</i>
Linhas	5,5	8	0,6875	2,628319	0,031913	2,355081
Colunas	2,222222	3	0,740741	2,831858	0,059694	3,008787
Erro	6,277778	24	0,261574			
Total	14	35				